

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

**"CHELAS, UMA COMUNIDADE TAMBÉM DE NEGROS -
- ESTUDO EXPLORATÓRIO DE ECOLOGIA HUMANA."**



62 888

**TESE DE MESTRADO EM ECOLOGIA HUMANA/
/CERTIFICADO INTERNACIONAL DE ECOLOGIA HUMANA**

**De
LEANDRA DA CONCEIÇÃO ASSUNÇÃO BAPTISTA DE G. CARDOSO**

ABRIL 1994

Orientador: Professor Doutor Joaquim Manuel Nazareth

*Aos meus pais,
sem os quais não teria
podido percorrer os
caminhos da descoberta
do ser.*

"É a estrutura da cidade que primeiro nos impressiona pela sua vastidão e complexidade visíveis. Mas esta estrutura tem a sua base, no entanto, na sua Natureza Humana, de que é uma expressão. Por outro lado, esta vasta organização que se tem levantado em resposta às necessidades dos seus habitantes uma vez formada, impõe-se sobre elas como um facto cru, externo e forma-as, por seu turno, de acordo com o desígnio e interesses que incorpora".

• R.E.Park, "The City: uma sugestão para a investigação do comportamento humano no ambiente urbano", (1915), incluído em R.E.Park, Human Communities, Free Press, Chicago, 1995, p.16.

ÍNDICE

Introdução	Pag.07
I - Suporte Científico do trabalho	Pag.10
1. Presisão científica do trabalho	Pag.11
1.1. A Cidade como comunidade ecológica	Pag.11
1.2. Em relação à área natural	Pag.15
2. Objectivos	Pag.19
3. Hipótese geral a verificar	Pag. 20
3.1. Hipótese particular	Pag.20
4. População alvo - universo e amosra	Pag.21
5. Metodologia	Pag.22
6. Técnicas	Pag.23
7. Atitude Científica	Pag.26
8. O papel da hipótese	Pag.27
9. Abordagem á pesquisa social do trabalho	Pag.27
II - Chelas: O Caminho experimentado	
de desagregação	Pag. 29
1. Os primórdios da organização	Pag.30
2. A incapacidade de realização	
imposta pela lei natural	Pag.42

III - Os Africanos de raça negra em Chelas	Pag.48
IV - Vidas com histórias	Pag.59
V - Análise e comentários dos inquéritos elaborados	Pag.74
1. Introdução	Pag.75
2. Agradecimentos	Pag.76
3. Metodologia aplicada no inquérito sociológico	Pag.76
4. Perguntas e respostas	Pag.81
VI - Consecução dos objectivos	Pag.107
VII - A Comunidade Objecto central do estudo ecológico	Pag.119
1. Âmbito e problemas da comunidade	Pag.120
2. Processos ecológicos que determinam a estrutura interna da comunidade	Pag.126
3. Conclusão relativa à hipótese	Pag.129
Conclusão	Pag.131
Bibliografia	Pag.136
Anexos	Pag.141

UNIVERSIDADE DE ÉVORA



INTRODUÇÃO

A estrutura de qualquer cidade compõe-se de uma amplitude e heterogeneidade que é realçada a cada passo da observação; contudo o homem, na sua interdependência e interrelação e na sua envolvimento com os ecossistemas, constitui a sua expressão de base.

Por vezes a estrutura organizada não corresponde aos interesses de quem a compõe. A mobilidade constante da população que atravessa em cada passo, cada vez mais acelerado, a rapidez da mudança da estrutura da comunidade e prepara assim a diversidade dos agrupamentos sociais levando a problemas de desorientação pessoal e colectiva de onde, a estrutura física da cidade, muda também. Todo este estado de coisas desafia a manutenção da vida comunitária dentro de uma ordem social.

Seguindo a óptica da Escola de Chicago e encarando a cidade como comunidade ecológica desenvolvi as minhas verificações de campo no bairro de Chelas, particularmente na comunidade negra que compõe o seu tecido social.

Originariamente criado para ser um habitat de características relacionadas com habitação residencial substituindo-se por

um centro de habitação social, sem qualquer capacidade de resposta local de emprego, subsistiu através do tempo como “dormitório”. Chelas recebeu no seu seio e está a receber uma ampla população que se deslocou das barracas em toda a periferia, sendo aqui realojados. Essa população é hoje predominantemente de ‘raça negra’.

A competição, a ordem natural e a ordem moral, melhor sendo a sociedade simbiótica e a cultural entraram em jogo, os valores alteraram-se e a disposição da população ganhou um sentido diferente de uma disposição ordenada. Geraram-se “áreas naturais” que defino com Park -

“... como o ‘habitat’ de grupos de gente que, na base da sua existência num território comum, desenvolverão culturas distintas. Elas são ‘naturais’ naquilo em que não são planeadas - não são resultado do desenho, são antes uma manifestação de tendências inerentes à situação urbana”.

A comunidade negra de Chelas constitui uma área natural de acordo com a definição.

Pretendi caminhar de encontro à possibilidade ou não da constituição de áreas locais, como sendo meio “... para proporcionar as bases para a organização da comunidade na sociedade urbana. O estado final do processo de urban-

ização será uma constelação de grupos sub-culturais fundados nas vizinhanças mantidos juntos através da interdependência da divisão do trabalho”, cf. R.E.Park, *The City as a social laboratory* (1929) incluído em *Park, Human Communities*, pag. 78; e que, nenhuma grande cidade é uma massa indiferenciada mas um grupo reconhecido de arredores disponíveis não só pela sua aparência física mas pela composição da sua população e pela sua reputação. Esta observação da separação espacial da população da cidade, a existência de mundos separados da experiência são base da visão de Park da vida urbana: os arredores, colónias e áreas segregadas de cidade são vistos como sendo um “mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas que não se interpenetram”.

A comunidade negra de Chelas, encontra-se nesta situação, o mesmo acontecendo com o próprio bairro de Chelas, como se pode constatar pela realidade observada; sendo que são estes arredores, colónias e áreas segregadas que dão à cidade a sua diversidade, novidade e excitemento, cf. o R. E. Park, *The City: sugestões para investigação do comportamento humano no ambiente urbano*, pag. 47.

I - SUPORTE CIENTÍFICO DO TRABALHO

... a cidade ordena a investigação sociológica. A mobilidade da sua população, a rapidez da mudança na estrutura da comunidade, a sua diversidade de agrupamentos sociais, os problemas da desorientação pessoal e de pública violência, a grande velocidade com que a estrutura física da cidade muda, tudo desafia previamente a manter os pontos de vista sobre o viver da comunidade e a ordem social - era esta a realidade posta pela Escola de Chicago e é também a que prevalece verificada no nosso contexto de grande cidade e que pretendi aqui manifestar, tomando como alvo a base comunitária que é o Bairro de Chelas e particularmente a sua população africana de 'raça negra'.

1. PRECISÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO

(Segundo os mentores da Escola de Chicago)

Esta precisão centra-se na leitura de Park, referencialmente às seguintes passagens:

1.1. A CIDADE COMO COMUNIDADE ECOLÓGICA

1. (a) a cidade é um organismo cuja estrutura e funcionamento é para ser percebida em termos de leis espaciais que diferem das da sociedade governante;

(b) a cidade é caracterizada como uma comunidade ecológica; como um agregado e através da mútua interdependência da sua população, cria o seu próprio futuro. É uma unidade organizada externamente no espaço produzido pelas suas próprias leis.

2. Há uma distinção entre um duplo aspecto para a sociedade, a originada pela competição, a ordem natural e a originada pelo consenso, a ordem moral. Da primeira

deriva a comunidade simbiótica e da segunda, a sociedade cultural, conforme é evidenciada nas tradições, aspirações colectivas e ideais.

3. Os valores da terra, eles próprios em larga medida, são um produto da agregação da população na longa corrida, dando ao agregado uma distribuição ordenada. Eles referem-se à ordem natural.

4. A disposição ordenada da população e a actividade na cidade chegou numa regular sequência equivalente aos processos de invasão e sucessão observáveis numa planta da comunidade. O produto final destes processos são **áreas naturais.**

5. As áreas naturais são o 'habitat' de grupos de gente que, na base da sua existência num território comum, desenvolverão culturas distintas. Elas são 'naturais' naquilo em que não são planeadas - não o resultado do desenho, antes uma manifestação de tendências inerentes à situação urbana.(1)

(1) R.E.Park, "Community and Society" (1929), incluído em Park, Human Communities, p.196.

Estas áreas naturais são importantes em Park como:

a) Ferramentas metodológicas

(I) elas definem a associação do espaço e a actividade social. Somente, tanto quanto estas coincidem, podem as relações sociais ser medidas;

(II) elas são “as molduras de referência” dentro das quais o trabalho de campo pode operar e habilitá-lo a generalizar da sua própria pesquisa para outras áreas da mesma espécie.

b) As bases da organização da comunidade

(I) elas são as bases para um modelo teórico para a cidade: torna-se num super-organismo a funcionar, no geral as áreas naturais são as células. Elas são funcionais naquilo em que elas servem uma necessidade permitindo uma diferenciação territorial para os diferentes povos da cidade.

(II) estas áreas locais são para proporcionar as bases para a organização da comunidade na sociedade urbana. O estado final do processo de urbanização será uma constelação de grupos subculturais fundados nas vizinhanças mantidos juntos através da interdependência da divisão do trabalho.

Sendo que a unidade básica da análise na **Ecologia Humana** é o agregado da população, a cidade como agregado é uma “coisa” com uma organização característica e histórica típica de vida (1) que surge para existir independentemente dos habitantes.

Em direcção diferente de Durkheim, “onde este lida com sociedades completas, Park estava interessado em comunidades”.

Park considerava que o “social” era o que podia ser experimentado discretamente, isto é na existência do dia-a-dia da localidade urbana e sobre esta base social não pode ser outra senão a “comunal” e a comunidade é definida especialmente como localidade.

A cidade como qualquer outra forma de fixação humana é considerada como sendo uma comunidade ecológica, definida como:

(1) uma população territorialmente organizada, isto é, um ambiente limitado;

(1) - R.E.Park, “The city as a social laboratory” (1929), incluído em Park, Human Communities, p.78.

(II) mais ou menos enraizada permanentemente no solo que ocupa;

(III) as suas unidades individuais vivendo em relacionamento de mútua interdependência, que é mais simbiótica do que societária. (1)

A ordem na comunidade é mantida através da simbiose, um relacionamento de mútua interdependência, em que a luta pela sobrevivência é atenuada através da cooperação transmitida através da coexistência. Wirth, definiu a simbiose como uma “condição em que os homens vivem juntos por virtude da completa dependência existencial de uns sobre os outros”.

1.2. EM RELAÇÃO À ÁREA NATURAL ...

Talvez a característica mais distinta da grande cidade, qualquer grande cidade... seja a sua divisão em quarteirões distintos ou arredores (permitem-me introduzir também o termo - bairros). Nenhuma grande cidade é uma massa indiferenciada mas um grupo reconhecível de arredores

(1) - R.E.Park, “Human Ecology” (1936), incluído em PARK, Human Communities, p.148.

disponíveis não só pela sua aparência física, mas pela composição da sua população e pela sua reputação. Esta observação de separação espacial da população da cidade, a existência de mundos separados da experiência era a base da visão de Park da vida urbana, como já referimos atrás: os arredores, colónias e áreas segregadas da cidade são vistas como sendo um "mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas que não se interpenetram" (1).

... Das observações iniciais quanto à correspondência das divisões espaciais da cidade com os interesses raciais, culturais e vocacionais da sua população, Park e Mckenzie desenvolveram uma teoria quanto à sua evolução.

As comunidades separadas da cidade eram o produto final dos processos de invasão pelos quais os grupos estabeleciam controle sobre uma localidade, embora, por sua vez, fossem sujeitos a ser desfeitos em fases sucessivas do crescimento da cidade. Aparentemente considerava-se que o "equilíbrio biótico e o equilíbrio social" podiam ser sempre reassumidos. Consequentemente, (2) todas as áreas naturais tem ou têm tendência para ter as suas próprias tradições peculiares, costumes e convenções, modelos de

(1) - R.E.Park, "The City: sugestões para a investigação do comportamento humano no ambiente urbano", p.47.

propriedade e decência e, senão uma linguagem sua, pelo menos um discurso universal, em que as palavras e os actos têm um significado, que é apreciavelmente diferente para cada comunidade local.

NOTA: Este texto foi elaborado a partir de J.R.Mellor, "Urban Sociology in an urbanized society", Routledge and Kegan Paul Limited, com tradução de Álvaro Lopes Monteiro, "Sociologia Urbana" - p.327 a 343, cap. - A Escola de Chicago - experiência urbana; A cidade Ecológica.

(2) R.E.Park, "The Mind of the hobo" (1925), incluído em Human Communities, p.94.



2. OBJECTIVOS

- (1) - Identificar os incidentes de crescimento da comunidade através da selecção e da segregação da população;
- (2) - Consciencializar o processo de segregação e posterior aglutinação própria, no caso dos emigrantes das chamadas raças históricas, povos que se distinguem por marcas raciais;
- (3) - Reconhecer que as áreas naturais são os habitats de grupos naturais;
- (4) - Inferir das consequências da política de realojamento na coesão do tecido social;
- (5) - Determinar um possível cenário para a capacidade de integração das comunidades no agregado em desenvolvimento.

3. HIPÓTESE GERAL A VERIFICAR

Estamos perante uma comunidade organizada, com uma vida social assente em fortes laços socio-afectivos, estruturados em redes sociais de suporte e vinculação interpessoal a que não é estranho nem o próprio tecido urbano do agregado, nem o tempo de convívio e as origens, o desenraizamento em relação ao país de origem, o ser emigrante, a condição de minoria, e a partilha da esperança comum de melhores condições de vida?

3.1 HIPÓTESE PARTICULAR

Interessa recolher informações relativas aos acontecimentos históricos que teriam preparado a instalação do negro em Chelas e reconhecer a veracidade da seguinte hipótese - será que esta zona havia entrado em decadência como área residencial ou nunca o teria sido nem potencialmente?

Importa saber se a comunidade negra se integrará dentro de qualquer processo de realojamento ou se não continuará a procurar polos de crescimento da sua comunidade noutras

áreas e noutras direcções enquanto encontrar nessa situação uma resposta à sua situação de minoria não integrada, o que lhe permita manter grande independência em relação à ordem social e criar assim os seus próprios meios de defesa.

Interessa, também, concluir-se a pressão do desemprego dificultará um ordenado alojamento e se fomentará a desestabilização das zonas habitacionais onde se instalam, nomeadamente a que está em estudo.

4. POPULAÇÃO - ALVO - UNIVERSO E AMOSTRA

O Universo é constituído pela população negra que habita o Bairro de Chelas, representado em estudo por uma amostra aleatória que envolveu 50 inquiridos em inquérito por questionário e 20 entrevistas sob guião.

5. METODOLOGIA

1. Método Estatístico

Permitirá:

- distribuição de frequências;
- quadros estatísticos;
- variabilidade;
- valor e limite das possibilidades;
- correlações (parciais e múltiplas);
- apresentação gráfica.

2. Observação participante

Uma participação consciente e sistemática nas atitudes de vida, atitudes, ideias e sentimentos do grupo a fim de o observar melhor, permitirá:

- proporcionar oportunidades para obter informações;
- objectividade;
- amplitude, relevância, fé na dignidade dos dados obtidos.

6. TÉCNICAS

1. Observação;
2. Entrevista;
3. Inquérito por questionário.

Observações: (1). A análise do inquérito sociológico seguindo a linha metodológica sobre que assenta o trabalho e lançado sobre uma amostra da população do agregado urbano, visa conhecer a interacção entre as características ecológicas da área abrangida e os seus modos de vida, no particular no que concerne à sua motivação para se agregarem espacial e fisicamente.

Para se observar o impacto que as condições ambientais, nomeadamente as habitacionais exercem sobre os indivíduos e, tendo em atenção que o estudo da acção humana tem que atender aos enquadramentos sociais explicativos dos fenómenos, seleccionam-se como objecto de análise as redes de relações sociais informais, a dinâmica das famílias e os respectivos espaços e tempos de acção.

(2). Estrutura da entrevista do inquérito

(I) Dados de características socio-demográficas

- sexo;
- idade;
- estado civil;
- nível de instrução;
- principal modo de vida;
- profissão;
- situação na profissão;
- horário de trabalho.

(II) Dados de caracterização do ambiente

- caracterização dos alojamentos segundo o seu tipo; localização;
- dimensão; infra-estruturas;
- número de divisões;
- número de divisórias;
- número de ocupantes;
- identificação de anteriores locais de residência segundo a sua localização;
- identificação do local de trabalho e /ou de

estudo;

- identificação de como se conhecem, os amigos;
- caracterização das actividades (em tempo livre)

(III) Dados relativos ao comportamento dos indivíduos

- as rotinas diárias - desempenho de papéis familiares, actividades de tempos livres, utilização de equipamentos colectivos;
- mobilidade geográfica e residencial;
- o recurso a redes informais de suporte;
- a partilha de problemas íntimos;
- o comportamento procriador.

(IV) Dados relativos às atitudes dos indivíduos

(opiniões e expectativas que se reflectem nas suas atitudes, face)

- à vida do agregado;
- aos seus residentes;
- ao desempenho de papéis no seio da família;
- à casa, vizinhos e local de residência ideais;
- à amizade;

- à escola;
- ao insucesso escolar;
- às dimensões ideal e desejada da família.

7. ATITUDE CIENTÍFICA

Pretendi basear-me numa constante atitude de pesquisa, trabalhar sempre de forma auto-correctiva, fazendo a distinção entre os trabalhos meramente bibliográficos e 'descritivos', a observação de campo e a análise dos inquéritos. Fazer registo de dados. Ter sempre em conta o valor inestimável da 'evidência' e o papel da inteligência, da paciência e do trabalho constante, considerando a natureza de 'facto', 'opinião', "hipótese" e 'teoria'. Ter em consideração os 'sistemas de referência' e encarar os conceitos científicos como "instrumentos de pesquisa".

8. O PAPEL DA HIPÓTESE

Referenciei a necessidade imperiosa do uso de hipóteses (ou teorias provisórias) em todos os estádios de investigação, tendo como base o conhecimento prévio; a exploração de várias explicações possíveis (hipóteses) para cada problemática.

Previllegiei a "inferência provável" à "verdade absoluta", considerando o meu trabalho como um estudo exploratório.

9. ABORDAGEM À PESQUISA SOCIAL DO TRABALHO

ECOLÓGICA - Constando e contando, em e com, estatísticas vitais, recenseamentos e/ou dados de emigração e de legalização; 'piramide de população', taxas. Áreas naturais, zonas concêntricas, áreas metropolitanas. Agregação, concentração, centralização e descentralização, dominância, migração e mobilidade. Estratificação.



**II - CHELAS: O CAMINHO
EXPERIMENTADO DA DESAGREGAÇÃO**

1. Os primórdios da organização

De acordo com o PLANO de URBANIZAÇÃO de CHELAS, elaborado em 1965, pelo Gabinete Técnico de Habitação da Câmara Municipal de Lisboa, definem-se as características gerais de ocupação urbana prevista para a zona de aplicação do Decreto-Lei nº 42 454 * em Chelas, sendo esta a área compreendida entre:

- o caminho de ferro e o troço final da Avenida Dos Estados Unidos, a sul
- a 2a Circular, a norte;
- a Avenida Infante D. Henrique e o caminho de ferro, a nascente;
- a Avenida Gago Coutinho, a poente.

Ilucida-nos o referido Plano que a área destinada à aplicação do Decreto-Lei nº 42 454, em Chelas, se apresentava francamente ocupada e mantendo as antigas características de exploração agrícola, não obstante a quase totalidade dos antigos assentos de lavoura estar transformada em núcleos de habitação funcionando em condições deficientes. A ocupação contínua de construções para habitação proces-

* Decreto-Lei nº 42 454

- Ver conteúdo do decreto - lei, em anexo, na pág.142

sou-se nas áreas em que as altas arribas ou os vales consentiram uma penetração fácil, conjugada nos núcleos mais recentes, com a facilidade de atravessamento do caminho de ferro de cintura. Assim, além do núcleo mais antigo que se desenvolveu junto ao Convento de Chelas, juntamente com edifícios de carácter industrial, assinala-se a ocupação maciça da encosta a nascente do Palácio do Marquês de Abrantes, o Bairro Chinês, além do núcleo linear que se desenvolveu ao longo da rua Vale Formoso de Cima. Com características totalmente diferentes destas zonas, que apresentam na sua quase totalidade condições inaceitáveis de habitabilidade, a abertura da avenida Gago Coutinho permitiu a construção de moradias que constituem uma ocupação marginal da zona mas que, separadas dela por uma encosta de forte declive, não participam na sua vida.

No Plano a que estamos a fazer referência, estabelecem-se as bases da organização interna da malha e a estrutura que permite inseri-la no conjunto da cidade, juntamente com as zonas de Olivais, Norte e Sul. O estudo das três zonas, abrange praticamente, toda a parte oriental da cidade a

norte do Vale de Chelas.

Informa-se ser pela primeira vez, na história do crescimento de Lisboa, que se encara uma tarefa de planeamento urbano tão vasta em extensão e profundidade.

A expansão de Lisboa processou-se, excluindo certos períodos de ocupação planificada, ao longo do rio ou das vias tradicionais de penetração. Em 1965, a cidade apresentava-se possuidora do seu núcleo compacto com ramificações em desenvolvimento havendo entre elas zonas ainda com características rurais.

Para uma melhor compreensão da identidade rural desta área, deixo aqui alguns traços de análise toponímica à data:

1. Era notada evidente correlação entre a toponímia pedológica e a geológica.

1.1. O predomínio das fontes dava-se nas zonas calcárias onde dominavam os fósseis nos barros, nos aluviões e nos salgados.

1.2. Os poços predominavam nos locais onde as areias abundavam.

- 1.3. Os calcários com fósseis apareciam mais frequentemente nos terrenos menos acidentados.
2. As espécies exóticas situavam-se no terço médio da malha e numa banda na direcção Norte-Sul.
 - 2.1. A presença das espécies botânicas exóticas correspondiam às áreas florícolas e hortícolas.
 - 2.2. As espécies botânicas exóticas envolviam em cintura a zona urbana dos arruamentos correspondendo à maior densidade de arruamentos a maior proximidade de espécies diferenciadas.
3. A zona florícola e hortícola situavam-se na zona central da malha.
 - 3.1. A zona florícola e hortícola marginava a zona ocupada por arruamentos.
 - 3.2. A área florícola e hortícola era a que estava mais densamente compartimentada.
4. A fauna abrangia espécies que correspondiam a diferente intensidade de ocupação pelo Homem. Assim a raposa e a apicultúra denunciando a presença de matos. A lebre, o pardal e o grilo que aparecem com a cultura cerealífera. A galinha, animal de exploração económica, e os peixes revelando a presença de água.

Olivais e Chelas ocupavam, à altura do Plano, no conjunto da cidade, uma zona entre o rio e a radial de prolongamento da Avenida Almirante Reis. Já a essa altura, se observava, paralelamente ao desenvolvimento da cidade um outro a que não corresponde uma expansão das áreas edificadas, mas uma saturação da sua capacidade habitacional, dos órgãos de equipamento existentes e das disponibilidades do solo, dentro do tecido urbano antigo, facto que pode ser constatado na actual conjuntura.

A pressão resultante desse crescimento do conteúdo vivo da cidade imprime consequências graves sobre o seu corpo edificado. Estas evidenciam-se especialmente no sistema viário, inadaptável, na maioria dos casos, ao trânsito mecânico e às necessidades de estacionamento, bem como no crescente déficit de equipamento social e na alteração das funções tradicionais de certas zonas de Lisboa. Palavras para a actualidade!

Também pelo primor da análise que se incorpora na minha forma de entender a cidade, cito do dito Plano - "A Baixa até há pouco local de concentração das actividades administrativas e comerciais da capital, que aí funcionavam

em conjunto com a habitação, expande-se através das ruas de maior tráfego que a ela convergem. Simultaneamente com este desenvolvimento contínuo e rápido do centro tradicional, surgem noutros pontos da cidade, núcleos de actividades idênticas às que ali se desenvolvem, mesmo em zonas que já passaram por uma fase de vida estabilizada.

Quando um Ministério ou uma grande companhia fixam as suas sedes em pontos distintos da cidade, quase sempre inadequados a esse fim, dá-se uma dispersão das funções até então concentradas no núcleo antigo de aglomerado e, em vez de uma expressão estruturada do centro tradicional, ou da criação de novos centros, assiste-se a uma pulverização de pontos de atracção. Naturalmente, estes, espalhados arbitrariamente pela cidade, abalam a sua estrutura..."

Considera o dito estudo que a substituição de imóveis para habitação, de acordo com o previsto na lei, dá origem a que se proceda à margem de uma renovação planeada, modificando a componente e o número de habitantes, alterando indiscriminadamente tecidos sãos e defeituosos

sem que, paralelamente, dê possibilidades de aumento ou criação aos necessários órgãos de apoio.

Importa, obrigatoriamente que, a execução dos planos de Olivais e Chelas, ao completar toda a expansão correspondente à Zona Oriental, implicasse a fixação de uma estrutura que coordenasse todos os seus factores de desenvolvimento a curto e a longo prazo, o que não foi feito deixando a área expandir-se selvaticamente sem a integrar no conjunto da cidade de forma a fazê-la participar de um todo possuidor de vida comum, a desenvolver em quadros urbanos de expressão diferente. De atender que uma grande parte da população alojada e a alojar nas novas extensões da cidade, exerce a sua actividade fora dessas áreas, ou no centro tradicional ou de uma forma dispersa, por todo o território urbano.

Segundo o "Inquérito habitacional aos bairros de lata e construções abarracadas existentes na área administrativa de Lisboa", realizado pelo Gabinete Técnico de Habitação (1960/61), num total de 711 barracas inquiridas viviam 806 famílias e 3034 habitantes. Tratava-se de uma população radicada no local (cerca de 50% já viviam em Chelas antes

de 1955) que posteriormente veio a aumentar devido a uma migração desproporcionada em relação ao conjunto da cidade.

A população, em estudo, é em grande parte constituída por gente que imigra de todos os pontos do país para a capital. Apenas 37% dos chefes de agregado inquiridos, nasceram no distrito de Lisboa. Os restantes imigraram principalmente de distritos o norte do Tejo (50%), figurando em primeiro lugar o distrito de Viseu.

Trata-se de uma população, essencialmente agrícola, que imigra dos campos, onde a grande maioria dos homens eram trabalhadores agrícolas. Uma vez em Lisboa, tratando-se de uma mão de obra pouco qualificada, perto de metade destes efectivos emprega-se na indústria, sobretudo, na de construção civil. Os que sempre viveram em Lisboa (33%), não conseguiram melhorar o seu nível de vida.

Esta realidade para 60, envolve a realidade das décadas seguintes, com a introdução de um cada vez maior número de indivíduos migrantes e juntando-se a partir do final da década de 70, a fixação de emigrados dos países de expressão portuguesa.

O Plano que tem vindo a ser apresentado, considerava em si próprio e à altura, que só poderia ter utilidade no respeitante à parte analítica, porquanto as propostas que encerrava, por carecerem de apreciação, não constituíam uma base válida de aplicação.

Pela premência das abordagens e, por virem, de encontro à demarcação em Ecologia Humana do conceito de desenvolvimento da cidade, introduzi aqui os antecedentes do Plano de Urbanização de Chelas; concretizados a um tempo pelo arquitecto De Gröer e a outro por Auzelle.

Dentro das suas considerações e de acordo com o predomínio das grandes vias de função radial e circular, uma das quais se prolongaria através da ponte Beato- Montijo (polémica a que se volta e que se acerta em 1993), De Gröer faz atravessar a malha por uma via norte-sul, secundária em relação àquelas e que define duas zonas de ocupação distintas. Uma a poente do Vale de Chelas, de carácter predominantemente habitacional e outra, a nascente, em que a indústria ocupava a parte norte estendendo-se para sul, paralelamente ao caminho de ferro,

destinando-se as zonas sobranceiras ao Vale de Chelas a habitação unifamiliar. Além da faixa verde necessária à separação entre as zonas industriais e habitacionais, reservava, junto à rotunda do aeroporto e na encosta compreendida entre o prolongamento da Avenida de Berna e o caminho de ferro, áreas destinadas a parques, a primeira das quais se estende para a malha de Alvalade, dizendo “ que uma parte sirva aos habitantes de Alvalade que têm falta de espaços livres”.

No relatório que o arquitecto Robert Auzelle elaborou em 1962, a pedido da Câmara Municipal de Lisboa, comentando o Plano director do Gabinete de Estudos de Urbanização, ele põe em dúvida o esquema do plano no referente à distribuição da população, formando anéis concêntricos de densidade decrescente apoiados no centro tradicional e mantendo todavia constante a relação entre as zonas edificadas e livres em qualquer deles. Em seu lugar preconiza um processo de reestruturação da cidade utilizando um aumento de densidade em determinadas zonas, dando origem a uma hierarquia de polos de

atração em oposição ao critério de sobrecarregar cada vez mais um centro principal já asfixiado.

Em atitude conclusiva, na análise do espírito do Plano, é de salientar a relevância, da seguinte afirmação: "Uma das necessidades fundamentais de qualquer aglomerado ou malha urbana corresponde à colocação da oferta de trabalho dos respectivos habitantes. As relações gerais entre o trabalho e a população devem, portanto, definir-se, sendo necessário caracterizar e dimensionar a população activa e respectiva evolução durante algumas gerações...com as altas densidades locais, a separação radical de veículos e peões, a criação de espaços livres convenientemente interligados e a dificuldade financeira de realizar paralelamente com as habitações um equipamento infantil, em alta escala, completo e generalizado, proporciona-se o aparecimento de "bandos" de crianças, de diferentes sexos e das mais diversas idades, entregues à imaginação de um "líder", vagueando de bairro em bairro.

“ De qualquer modo, mesmo nas cidades melhor concebidas, os riscos que representa a concentração de famílias, de jovens e crianças, do ponto de vista de saúde e relações sociais, são muito consideráveis. Particularmente a delinquência juvenil...parece desenvolver-se de forma inesperada nas cidades novas, apesar de relativamente bem concebidas. Este problema tomou tal amplitude que exige ser tratado prioritariamente em todos os planos de preparação.” (1)

(1) Famille et Habitation II, P.Chombart de Lowe

**2. A INCAPACIDADE DA REALIZAÇÃO
IMPOSTA PELA LEI NATURAL.**

O capítulo anterior situou-nos perante uma população de uma única raça e etnia, contando a malha de Chelas com 65 000 habitantes. Neste momento, ao analisármos o presente, contamos com uma malha de 120 000 pessoas num conjunto de 30 000 famílias com aplicação de 4.3 elementos a cada família; para além disso contamos com três raças com assento na área e indeterminado número de etnias, incluídos na raça negra. Nas minhas pesquisas documentais, encontrei o Documento 53 do DCH - Departamento de Construção e Habitação da Camara Municipal de Lisboa, datado de Agosto de 1991, onde para além de uma resenha histórica do Plano de Urbanização de Chelas, se lê o seguinte no ponto 2, titulado "Estado Actual":

Confrontam-se, hoje em dia, as áreas de aplicação do Decreto-Lei 42 454 , e especialmente a zona de Chelas, com problemas de carácter urbanístico, nomeadamente na sua vertente social, que, de forma sintética se podem

resumir nos seguintes pontos:

- concretização do Plano com marcantes assimetrias programáticas ao não ter sido possível harmonizar a entrada em funcionamento das quatro componentes fundamentais da vida urbana- habitação, equipamento, postos de trabalho e circulação- pois a pressão das carências de alojamento da população de Lisboa tem conduzido à quase exclusiva realização dos programas relacionados com a primeira dessas componentes em detrimento das restantes;
- existência de um tecido social monoclassista consequente da atribuição de fogos segundo critérios de realojamento que conduziram a uma concretização de estratos populacionais de fracos recursos económicos, de onde resulta, por sua vez, uma evidente segregação em relação ao conjunto da população da cidade;
- . segregação que é enfatizada pela não realização do sistema viário da integração na cidade e ligação às zonas circunvizinhas;
- . ocupação edificada da área do Plano de forma descontínua ao longo dos anos, transformando-a num

estaleiro permanente, semeado de conjuntos habitacionais desgarrados;

. atraso na execução do arranjo dos espaços verdes envolventes das zonas de habitação que, em alguns casos, deveria constituir o tecido conjuntivo que as integraria, com graves consequências para as condições de segurança e bem-estar das populações;

. fraca participação das entidades responsáveis pela instalação de equipamento de interesse para o conjunto da cidade na concretização de programas estabelecidos de onde resultam grandes vazios, no sentido da ocupação do território e da satisfação de exigências da população, nomeadamente no campo da saúde e do lazer;

. desconfiança por parte dos promotores privados, especialmente do sector terciário, que poderiam contribuir para a fixação de fontes de trabalho na zona, quanto à sua evolução face ao ambiente social e pouca acessibilidade que hoje apresenta.

Trata-se, no seu conjunto, como se pode verificar comparando com as intenções do Plano, anteriormente expressas, de lacunas ou desvios na sua concretização que

não implicariam a revisão dos seus princípios mas sim um ajustamento das acções tácticas.

Conclui o Documento em análise, pelo seguinte: “Volvidos 20 anos sobre a elaboração do Plano Geral de Chelas, impõe-se uma reflexão sobre as intenções iniciais e as circunstâncias que determinaram revisões pontuais, pondo à prova a sua adaptabilidade e a sua unidade como obra de conjunto.

Como área para realojamento, tem sido destinada exclusivamente a um extracto social de fracos recursos económicos, com todas as condições para a criação de verdadeiros “ghettos”.

Assim, Chelas, tem vindo a tornar-se uma área marginalizada, física e socialmente, com todos os problemas que isso acarreta em termos de degradação acelerada da sua imagem,...particularmente pelo arranjo incompleto dos espaços livres.”

O Plano Estratégico de Lisboa, de Outubro de 1992, bem como a Proposta de Plano de Estrutura da Zona Oriental de Lisboa, da Direcção de Projecto de Planeamento Estratégico-DPE, em documento de Junho de 1992, preparatório para o actual Plano Director prevê a necessidade de 'qualificar' a zona oriental, nos moldes do que ficou por fazer ao longo de quase trinta anos e também do que se fez desregradamente.

Parece agora que, com a proximidade da realização da EXPO 98, se reacendem as esperanças para a zona Oriental de Lisboa, lado a lado com a construção da nova ponte, até lá...a Zona Oriental de Lisboa é associada à imagem, com razão, de habitação social, de habitação operária antiga degradada, de bairros de barracas, de uma área portuária com aspecto desordenado, de uma zona industrial antiga em decadência e uma mais recente, que foi dominada por actividades petrolíferas hoje em desactivação e ainda de uma linha de caminho de ferro que isola a zona ribeirinha. E

é também a imagem de um sítio onde é difícil chegar.

Já não é tão conhecida a riqueza patrimonial da zona, traduzida em edifícios e conjuntos de grande valor histórico, reminiscência de um passado em que era lugar de residência da nobreza e do clero, em quintas, palácios e conventos- património este, actualmente em estado de degradação...ali moram agora, o tráfico de droga, os assaltos à mão armada, a promiscuidade, que a arquitectura não previu mas facilitou com a estrutura dos edifícios e, cada vez mais o equilíbrio ecológico de amplitude humana, está ameaçado. Contudo, ao deambularmos por Chelas encontramos uma "ordem" instituída e uma "cumplicidade" de relationship que degenera uma apertada muralha para intervenção de outra ordem e de outros costumes.

O Plano Director Municipal, ora em fase de discussão, apresenta para além da proposta de revisão do Plano de Chelas uma originalidade, que se prende com o ponto de vista da ciência ecológica: o Grupo de Acompanhamento do Plano. Pela primeira vez, propõe-se que apareça uma figura em termos jurídicos, abrangendo técnicos das várias áreas e figuras políticas da Câmara Municipal de Lisboa convergindo com os seus conhecimentos para a

**III - OS AFRICANOS DE "RAÇA NEGRA"
EM CHELAS**



Dentro do grande universo que Chelas representa, distinguem-se três "raças": "raça branca"(europeus), "raça negra " (africanos) e os ciganos. Coabitam por força do realojamento e, destas três "raças", salientámos para o nosso trabalho a população africana, pelo grande peso demográfico que apresenta.

Por insuficiência de dados e registos referentes à legalização destes emigrantes, pela conjuntura diversa de dupla nacionalidade e de dados gerais quanto à população de Chelas, não posso referenciar o seu valor numérico, podendo apenas dizer que se estima estar esta população calculada, sem qualquer rigor, em cerca de 40% da população total do bairro.

São eles provenientes de Cabo Verde, S. Tomé, Guiné, Angola e Moçambique. Para além da designação geral de raça, devo ainda fazer referência a um largo número de etnias que me foi dado conhecer através do trabalho de observação directa, de acordo com os países de origem e a distribuição étnica nesses países.

Pelo seu peso demográfico e pelas características de que se reveste a sua própria existência, eles são considerados

um mundo à parte que, na realidade, partilha das aventuras e desventuras da segregação social com os outros habitantes do bairro, pelas suas características particulares de minoria e, pela forte condicionante do seu estatuto socio-económico.

Para melhor atendermos ao posicionamento desta população no contexto da sua comunidade e dentro de outra comunidade que é Chelas e ainda dentro do contexto da sociedade portuguesa, será de atender a alguns dados de natureza histórica e social da sua vida de emigrantes do seu país de origem e chegada a Portugal, que nos ajudarão, sem dúvida, a compreender o seu *modus vivendi* e a sua atitude, tida muitas vezes como marginal.

O primeiro contingente de africanos a ser incorporado na sociedade portuguesa foi, sem sombra de dúvida, o dos cabo-verdianos, que já de si possuíam uma história na emigração. Fazer de Portugal, porto de desembarque foi marcadamente registado a partir de 1963 num surto que movimentou para a Europa 4 086 pessoas e que atingiu em 1973, o número de 17 029.

António Carreira refere-se a este fenómeno nos seguintes moldes “ podemos dizer, sem receio de desmentido, que este vinténio foi o de maior volume de emigração jamais observado em todas as ilhas, quer a espontanea, quer a forçada. Constitui um periodo de autêntica diáspora. E ela só pode gerar-se em face da facilidade e rapidez dos meios de comunicação, primeiro o vapor e, nos últimos anos o avião. Sem isso, dificilmente se poderia deslocar para fora do arquipélago de 1963 a 1973, qualquer coisa como 104 767 indivíduos (...)”-

Na realidade, estes emigrantes embora viajando por conta própria, viam as suas deslocações quase sempre apadrinhadas pelas entidades governamentais, na medida em que eles vinham preencher o vazio então deixado pela mão-de-obra portuguesa que emigrara para o resto da Europa ou que fora mobilizada para a guerra colonial em Africa.

Ao contingente de Cabo Verdianos vieram juntar-se após a independência das antigas “colónias”, os Angolanos, os Moçambicanos e mais recentemente os Guineenses e os São Tomenses.

Pode acompanhar-se o raciocínio de que esta figura da emigração não deverá ser considerada como resultado de uma escassez de recursos face a uma população em excesso, nem como uma panaceia para esse desfazamento, mas antes como a resultante de uma situação de desenvolvimento, cruzando-se e tomando contacto com outra situação, considerada de desenvolvimento e que funcionava como força atractiva.

Efectivamente, os países de origem, não vêm com maus olhos esta emigração, pois as poupanças que os emigrantes enviam para os seus familiares que ficaram no país de origem ou depositam nos bancos destes, constituem um importante auxílio para aqueles e é um decisivo suporte financeiro para a balança de pagamento desses países. Essas remessas passaram a constituir uma das fontes de rendimento mais importantes para muitas das famílias dos emigrantes que ficaram no país de origem, permitindo-lhes melhores condições de vida.

Por alguns é também considerado que a emigração é veículo de formas de consumo, imitados dos países de

emigração, o que aliás, é constatado no modo de actuação dos emigrantes portugueses que, chegados a Portugal procuram no mercado produtos de outras culturas e origens, o que vai despoletar de certa forma o desenvolvimento do comércio interno do nosso país e desenvolve também certos modelos de consumismo, a que a sociedade não se torna alheia.

Por verificação através dos tempos, ao conceito de emigração aparece sempre associada a deficiente forma de habitação; aos bidonvilles de França equiparam-se os nossos bairros de emigrantes, e Chelas, apesar de alguma novidade “vanguardista” no plano urbanístico foi já moldada aos costumes culturais dos seus habitantes. A isto vem juntar-se a nota de facilidade de assentamento desta situação por muitos dos europeus ali residentes, terem eles próprios, vivido nos países africanos, origem destes emigrantes, o que facilita a adaptabilidade a um género de vida comum.

O contingente de emigrantes de que tenho vindo a falar, começou por ocupar prédios devolutos ou para demolição, construíram barracas com deficientes condições de

habitabilidade e sem infraestruturas e, por fim, numa necessidade de dar resposta ao problema social a que correspondiam, as autarquias vêm-se chamadas, juntamente e de acordo com as políticas de integração e de alojamento dimanadas do poder central, a desenvolver a sua própria prática de política de alojamento e de habitação social, indo então, elevar-se desenfreadamente a densidade de ocupação dos bairros e das casas, o que levou ao abandono da concretização de planos já aprovados, no sentido de obviar o mais rapidamente às carências habitacionais e seus problemas adjacentes.

Os casos de sobreocupação dos alojamentos são em larga medida derivados da vontade de cada novo elemento chegado querer estar perto de algum amigo, conhecido ou familiar, já antes emigrado e portanto, supostamente integrado no contexto português e que de algum modo lhe poderia servir de retaguarda.

É lógico que um raciocínio deste género leva com facilidade à constituição de "ghettos" fundamentados não na aprovação da sua existência em termos sociais e políticos mas, por ser de acreditar que os laços de

solidariedade, vizinhança e controle social que os bairros permitem são de extrema importância para a estabilidade emocional e social dos indivíduos migrantes.

Paralelamente a esta situação, também a situação de desemprego os obriga a ter de estar junto dos seus, da sua “família”; não sendo estranho que o conceito de “família” para um africano é de todo distante do nosso conceito de família, sendo mais alargado ao laço que estreita a raça. A situação de desemprego é sempre uma presença assustadora até porque, a própria situação de emprego é de vínculo precário sendo que na sua maioria os contratos são entre três e seis meses, quando não o são apenas para a realização ou execução pontual de um ou outro serviço.

Foi com os figurantes deste teatro, personagens desenfreadamente à procura de um autor da sua trama de vida, de um lugar(por ventura a cidadania portuguesa é o bem mais invejado) que percorri os caminhos do Bº de Chelas encontrando, que me seja permitido dizê-lo, uma comunidade adentro de outra comunidade.

Poderia ter avançado pelas outras”raças”, personagens

que com estas partilham o palco da vida, e se de um modo fiz com os nossos naturais porque é deles que em princípio tratamos, ao levantar toda a problemática urbanística e sociológica, a um tempo e ecológica a outro, desde o levantamento do Plano de Urbanização de Chelas e anteriormente, demos ênfase a este grupo pelo peso da sua expressão demográfica como ficou dito e pelos traços culturais de todo estranhos às origens deste bairro e que eles lhe vieram imprimir.

Através dos inquéritos e entrevistas tentei reconhecer que as áreas naturais são os habitats de grupos naturais e reconheci-o também pela análise das leituras, pela observação directa e participante, pela conclusão e análise dos dados dos citados inquéritos e entrevistas e inferi das consequências da política de realojamento, na coesão do tecido social. Não fiquei estranha ao facto de ser esta comunidade apontada como causadora de actos de delinquência e marginalidade, perpetrados no bairro de Chelas. É uma imputação de se que repudia a exclusividade ou até a principal acção porque uma vez identificadas por nós as zonas J e M, tidas como as mais interventivas neste

tipo de actuações, não vi “raças líderes” mas indivíduos variados actuando de acordo com essas práticas; e a própria população, residente há mais anos em Chelas, foi unânime em afirmar: “...não foram os pretos que trouxeram a droga para Chelas...”. Posso e devo sim concluir que o desemprego, o caos social daí imanado, fortemente alimentados pela traça arquitectónica do bairro que esconde em cada pátio e virada de escada um abrigo para a prática criminosa são o imperativo para a sua consecução desde que a isso as circunstâncias desafiem os indivíduos de qualquer raça.

IV - VIDAS COM HISTÓRIAS

Este capítulo refere à análise de conteúdo de vida, que me foram relatadas, sob guião de entrevista, por oito indivíduos - quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino, africanos negros, residentes no Bº de Chelas; assim distribuídos por grupos etários:

1. 25.....30 anos ____ 2 ____ 1 H + 1 M

2. 31.....45 anos ____ 4 ____ 2 H + 2 M

3. 46.....55 anos ____ 2 ____ 1 H + 1 M

Fazendo corresponder a 1., 2., e 3., as nacionalidades, os níveis de instrução e profissões seguintes:

1. H _____ estudante _____ Guineense
_____ 3ºano de Medicina
M _____ empregada ind. Hoteleira
_____ São Tomense - 8º ano Unificado

2. 2 HOMENS

H _____ operário cons. civil _____ Guineense
_____ 4ª classe

H _____ motorista _____ Angolano
_____ 4ª classe

2 MULHERES

M _____ doméstica _____ Angolana
_____ 4ª classe

M _____ ajud. cabeleireira _____ Angolana
_____ 4ª classe

**3. H _____ fun. público _____ Moçambicano
_____ 4ª classe**

**M _____ emp. limpeza _____ Moçambicana
_____ 4ª classe**

Este trabalho derivou de uma observação directa realizada durante um período de, sensivelmente, cinco meses em que me foi tornado possível tomar conhecimento com a forma de ser, viver, agir e pensar da população em estudo.

Optei por recolher informações através da observação e da entrevista e ainda de um inquérito elaborado para outra amostra da mesma população, para que o cruzamento das diversas técnicas, no respeitante à presente pesquisa, me complementasse os dados, dada a especificidade da realidade em observação. Pretendi rentabilizar do melhor modo, o conhecimento dos africanos que me apoiaram neste trabalho, facilitando a minha penetração junto da população em estudo. Os nossos agradecimentos ao Dr. Celestino Macedo pela ajuda na tradução do crioulo, pela actuação em campo e pela condução comum das entrevistas para este trabalho bem assim como para o trabalho de inquérito.

Marcados pelo rótulo de minoria, nem sempre a abordagem foi fácil pelo que a presença de um africano nos ajudou o trabalho. O medo da actuação política estava presente na quase generalidade mas depressa se esbateu com o quanto seguimos juntos.

Tão pouco me interessava neste trabalho, qual o país de origem dos entrevistados, o que estava em causa era o serem africanos e residirem em Portugal. A importância de serem de países de origem diferentes só se manifestou quando comecei a conhecer as diferenças esbatidas que se notavam em alguns usos e costumes. Digo diferenças esbatidas porque o são na realidade. Perante o país de acolhimento e a sua necessidade de integração nele, as diferenças deixam de ter conteúdo e passam a ser determinados num único grupo- os africanos. De todos eles registei a saudade de terem deixado a terra onde nasceram e de todos eles o desejo quase ínfimo de voltar. Em todos ressaltam as mesmas dificuldades à chegada- como arranjar habitação e emprego- mas, ainda assim, o grande traço africano da noção de família, estende os seus tentáculos: cá longe há sempre um amigo, um parente que garante a "manta" e a "colher", isto é, um lugar para habitação e uma forma de ganhar a vida, geralmente na construção civil.

Para todos, emigrantes dos países tornados independentes, havia a referência de um Portugal dos brancos, com séculos de história e ligação a África e um

pronúncio de língua comum. Quantas vezes, ao ouvir, por exemplo, o crioulo, não me lembrei da linguagem de Mestre Gil Vicente, no arcaico dos primórdios do teatro português.

Não encontrei neste conjunto heterogéneo os mesmos traços de raiz migratória; se, para os Cabo-verdianos a seca facilita desde muito cedo o ter de sair da terra o mesmo não acontece com Angolanos e Moçambicanos e, quanto aos Guineenses foram os que mais tarde deixaram a sua terra, sobretudo movidos por razões apontadas de instabilidade política.

De qualquer modo, todos eles vieram no fluxo migratório pós 25 de Abril de 74, à excepção de um deles que veio nos anos 60 a convite dos portugueses, falamos da população entrevistada, evidentemente.

“ Fale-me de si!”

Por muito difícil que seja, não deixa de ser deveras interessante pedir a alguém que nos faça um relato da sua vida.

O contacto que tinha vindo a manter com a população ao longo dos meses anteriores, permitia-me já um certo à

vontade para fazer esta abordagem. Escolhi os meus relatores indiferenciadamente, o que importava é que gostassem e fossem capazes de falar não só para mim, como para o gravador que estava à sua frente, nas minhas mãos. Delimitei, à partida, os grupos etários e naturalidades daqueles com quem queria falar: a profissão e o nível de instrução, não tinham uma grande relevância. O importante para mim, era conseguir, a partir do relato do actor social construir todo o referencial do grande grupo dos africanos residentes em Chelas. As estruturas e as instituições interagem dentro da organização sistematizada das suas vidas.

Dos oito elementos com quem falei, recebi dois tipos de atitude: uma foi de ordem meramente descritiva do que é a sua vida e quiçá, do que se desenha que venha a ser; a outra, é uma atitude repleta de sensações emotivas dependendo do que está a pensar quando relata o que foi a sua vida e das interrogações que tem sobre o que lhe virá a acontecer no futuro. Em todos os seres humanos isto será verificável; muito mais naqueles grupos dentre eles que carregam uma vida de maiores interrogações e

vulnerabilidades.

“Quando vieram, o que são, o que esperam”

Na sua globalidade vieram cedo para Portugal, cedo em termos de idade pois até o mais velho, de 53 anos de idade, já se encontra em Portugal há mais de trinta anos (1961), o que indica que veio numa idade jovem, embora relativamente mais tarde do que os filhos dos naturais e não naturais vindos depois do 25 de Abril.

Fora estes entrevistados, contactei com muitos jovens que vieram com quatro, três, dois e mesmo menos de um ano e outros que são naturais de Portugal.

O interessante neste grupo é que não se consideram portugueses senão por naturalidade, expressando nisso um certo orgulho possivelmente por não se verem discriminados burocraticamente, mas, expressam sentimentos perfeitamente africanos em tudo o que diz respeito a formas de actuar institucionalmente, sobretudo a nível familiar.

De um modo geral, os Cabo-Verdianos vieram em busca de melhores condições de trabalho e seguindo uma certa tradição migratória do seu país de origem; os Angolanos e

os Moçambicanos, fugiram da fome e da guerra; os Guineenses procuram a estabilidade e a vida ordeira, longe da confusão da Guiné-Bissau; os São Tomenses são casos mais isolados e vêm sobretudo “porque cá pode-se ir mais longe”; a componente básica é manifesta em todos eles “melhores condições de vida”.

A vinda dá-se em diversas condições perante a família. Dos mais jovens que entrevistei, disse ele -”...vim sózinho. Queria tirar um curso que fosse reconhecido”, e ela “...vim com a minha mãe mais dois irmãos. O meu pai ficou lá. Acho que ele veio depois, mas não ficaram juntos...”. Os restantes vieram com as respectivas famílias, á excepção do operário da construção civil Guineense que aguarda ver aqui garantidas as suas condições para trazer a sua família. Trata-se de um caso interessante de poligamia. “...mando para as três mulheres o que posso...tenho doze filhos... só me preocupam os mais pequenos...já escolhemos quem vem para Portugal: a mais nova e os e os seus dois filhos”. Tem dezoito anos e os filhos três anos e meio e dois anos- “...as outras mulheres estão de acordo”...”...aqui já tive uma companheira...um homem precisa de companhia...”;

contudo a precaridade das condições de existência levaram à separação.

Todos eles vieram habitar instalações precárias em Lisboa, prédios para demolição; antes, três deles viveram em Trás-os-Montes e dois em Portimão, antes de se fixarem em Lisboa, porque aí tinham amigos. Foram atribuídas casas de habitação social a cinco deles, há dez e doze anos atrás. Os outros aguardam a sua vez. “...creio que o que influenciou a vinda da minha mãe para cá foi o facto de outras amigas delas já cá estarem...”; “...vim porque os parentes me convenceram...”; “...uns amigos portugueses que tinham lá estado...”, quis saber dos amigos portugueses-“...não sei, nunca mais os vimos, ainda devem estar em Portimão...”; “... temos muitos amigos portugueses, isso é bom, eles conhecem melhor isto aqui, mas temos cá os patrícios...”

Todos eles “boca a boca” conseguiram arranjar trabalho uns para os outros, sempre primeiro na construção civil, primeiro emprego de todos os homens com quem falei, excepção feita ao funcionário público. O próprio estudante trabalha por períodos como servente para fazer face às

despesas-’...a bolsa só não dá...’

Têm contratos a prazo e auferem em média 60.000 escudos, considerando que as suas famílias são em média constituídas por cerca de 5 elementos, dá uma captação de 12 mil escudos mensais, sem descontos - “...preferia ganhar menos e ter descontos, tinha a velhice assegurada...”; “... muitos ainda têm muitos filhos por causa do abono e porque os africanos pensam que os filhos são braços de trabalho. Mas, como a vida está, não se pode pensar assim...”.

À excepção dos Guineenses e dos São Tomenses quase todos os outros já tem nacionalidade portuguesa, orgulhosos por se encontrarem em situações iguais aos parceiros de cá; tristes, porque parecem ter-lhes tirado de vez os únicos laços que os prendiam à terra. Apenas um rasto de saudade, palavra bem conhecida por Portugueses e Africanos, lhes permite dizer que um dia gostavam de “visitar” o seu país de origem -” ...gostava de lá voltar. É importante, sempre é a nossa terra. Mas, para ficar, não!...”

Existem laços de solidariedade que ultrapassam a consanguinidade e se estendem ultrapassando-a e que são

abarcados pela definição de família para o Africano, principalmente para os Guineenses e para os Cabo Verdianos. O conceito de família e amizade são deveras interessantes e formam um todo de homogeneidade que integra facilmente as vicissitudes do "viver aqui". Ser amigo é muito mais do que ser da família e a família vai para além do contexto formal de família.

A família formal, é constituída como referimos em média por 5 elementos, não sendo raros os casos de 7 ou 8 ou mesmo 10 elementos, contando com o pai e a mãe. Todos eles são unânimes na necessidade de reduzir o número de filhos para o futuro dadas as condições de vida e a educação que se supõe querer dar às crianças~ "... a gente lá estava habituado a trabalhar todos os filhos e quando os pais não podiam trabalhavam os filhos para a gente. Aqui não é assim..."; "... é preciso que todos os meninos vão à escola e gasta-se muito dinheiro com isso, mas é o futuro deles, não é?..."

A igualdade de oportunidades com os filhos dos portugueses também se faz sentir de forma acentuada- "...é a partir da escola que se vê a diferença, sabe, começa

por a gente às vezes não entender e os professores não entenderem a maneira d'agente falar...”.

A sua primeira preocupação vai para a alimentação dos filhos”...mas não falta comida e isso é mais importante que ser caro ou barato. A gente também não gasta em luxos...”.

Quando quis saber como se divertia esta gente, longe dos seus costumes tradicionais, unanimemente ouvimos dizer- “...gosto muito de dançar e ouvir música...” O ritmo e o calor da gente africana está bem patente nesta afirmação; dão muita importância aos convívios com outros naturais mais do que à música das discotecas, no entanto referem com agrado o aparecimento de discotecas africanas-”....é bom! Lá ouve-se a nossa música. Não são mal frequentadas, não senhor, isso é racismo (a única vez que ouvimos uma referência a esta palavra). Se lá há droga? E, infelizmente, onde não há?

Habitam o Bº de Chelas porque aí foram alojados, tendo alguns mesmo saído das barracas periféricas ao miolo do Bairro. “... a gente tem uma casa mas também tem muito

filho e tudo se vai estragando”. Foi uma nota à margem que ficou para acrescentar à ideia de bairro degradado a que se associa Chelas. Chamei a atenção para as condições criadas por eles, existência de tapumes, varandas com serapilheiras e plástico - “ ... faz-se a casa à nossa medida...sao arrumações...”. As condições verificadas dão de algum modo sentido à definição de bairro degradado a um bairro onde se suportam e coabitam os hábitos e costumes africanos com outras raças, nomeadamente a cigana e com os portugueses, a grande parte deles também vindos de África. Pensam, no entanto, que é aqui que estão bem porque lhes foi atribuída uma casa e porque o contacto com familiares e parentes facilita a sua vida social e lhes cria um sentido comunitário.

Se visitármos com atenção o bairro observamos que a população que o habita, em forma gregária, se junta nas praças em confraternização, com as raças misturadas. Observei a existência de muitos cafés - “...um café junta muitos e dá de comer a toda a família, dá para 8 ou 10 pessoas...eu próprio já tive um café...”- disse-nos o funcionário público com quem conversei.

Ao estudante perguntei se nos saberia explicar a razão de haver tanta gente disponível nas horas de trabalho -” ... desemprego, “esquemas”, “jogos”, está a ver? Mas a maior parte dos passadores são brancos não são pretos”.

A ajudante de cabeleireira que entrevistei deixa os filhos na rua quando vai para o trabalho, não tem dinheiro para a ama_ “...há poucas creches e eles estão habituados, em Angola os meninos andavam à solta- “... . Tenho medo do de nove anos quando saí da escola, já foi convidado para a droga...Tenho muito medo...”

Como término, deixo apenas a frase de um Moçambicano que não aceitou ser entrevistado - “ ... falar de quê? Africa? Africa tem um feitiço. Eu fiquei lá”. Ainda usei perguntar se voltaria, ao que respondeu entre dentes : “...se alguém levar o caixão!”

V - ANÁLISE E COMENTÁRIOS DOS
INQUÉRITOS ELABORADOS

1. INTRODUÇÃO

O capítulo que ora se apresenta, concerne a um estudo sociológico, ponto de partida para a análise no campo da Ecologia Humana, da comunidade africana do Bairro de Chelas, que objectiva a informação sobre a estrutura familiar, as relações de vizinhança e amizade, a atitude perante a escola, os modos de ocupação dos tempos de trabalho e de lazer (tempos livres) e as expectativas valorativas sobre o local de habitação.

Este trabalho assenta na análise de conteúdo de cinquenta (50) inquéritos, feitos a indivíduos negros de origem africana, aleatoriamente escolhidos nas zonas I, J, L, M e N, de Chelas, em Julho de 1993.

Conclui pela minha presença frente a uma comunidade organizada, semi-estruturada, em busca de identidade própria, prevalecendo no seu âmbito as relações de amizade e de família, confirmadas pela origem dos inquiridos e pela sua situação face ao país de acolhimento. Conclui ainda, pela existência de uma área natural, vinculada a fortes laços de solidariedade entre os elementos de origem africana.

2. AGRADECIMENTOS

Agradecemos a participação neste trabalho de toda a comunidade africana residente em Chelas e, a todos aqueles que, de qualquer modo, sentiram a necessidade e a pertinência deste trabalho, viabilizando-o.

3. METODOLOGIA APLICADA NO INQUÉRITO SOCIOLOGICO

O trabalho de inquérito decorreu entre os 2º e 3º trimestres de 1993, tendo a sua análise sido efectuada no 3º trimestre do mesmo ano.

Tem por objectivo básico, reconhecer a interacção entre as características ecológicas do Bairro de Chelas e o modo de vida da população africana aí residente.

Foram seleccionados, como objecto de análise as redes de relações sociais e a dinâmica das famílias, considerando que existe forte interacção entre as condições ambientais e os indivíduos, no que respeita ao enquadramento habitacional.

Procurou-se compreender como se estabeleciam as relações de amizade, no sentido de entender as capacidades e

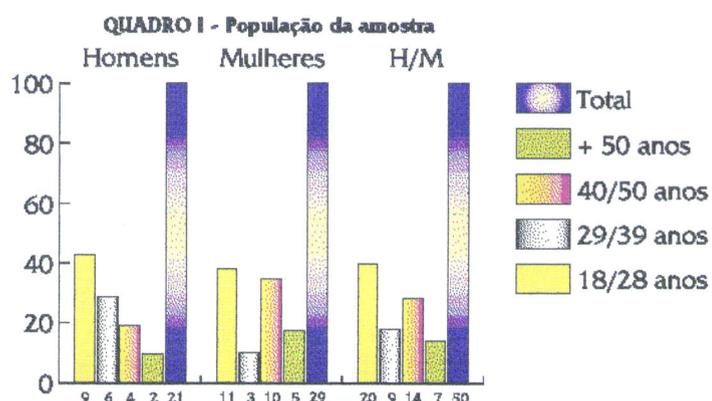
oportunidades para o desenvolvimento de laços comunitários.

Anteriormente à realização do inquérito foram elaboradas entrevistas, casos de vida ou histórias de vida, através de guião e, cuja análise antecede, em capítulo titulado "Vidas com Histórias", este mesmo; bem assim como um período de observação directa de campo que se desenvolveu durante cerca de cinco meses.

A escolha da amostra deste inquérito foi feita do modo atrás referido, pontuando nas zonas assinaladas por serem as de maior representatividade e de algum modo heterogéneas na sua configuração espacial e humana.

Entrevistei, conforme QUADRO I, 21 indivíduos do sexo masculino (42%) e 29 do sexo feminino (58%).

Estava previsto serem entrevistados 50% de indivíduos do sexo masculino e feminino; porém 8% dos masculinos, recusaram-se a responder tendo delegado as respostas nas suas companheiras, o que considereei não conter inconvenientes.



Ao optarmos por um inquérito onde surge a entrevista, baseei-me na verificação das seguintes observações:

1. nacionalidade dos entrevistados, que à partida fazia pressupor alguma dificuldade de linguagem de que decorreria difícil interpretação das perguntas;

2. necessidade de introdução de respostas a perguntas abertas destinadas a consolidar o trabalho como estudo exploratório;

3. prevenção contra a possível situação de baixas taxas de escolaridade.

4. Estrutura do inquérito

Com o presente inquérito, pretendi abordar dados para os seguintes itens:

1. Caracterização SOCIO-DEMOGRAFICA
2. Caracterização do MEIO- AMBIENTE
3. Relativização das ATTITUDES INDIVIDUAIS

assim distribuídas por questões:

1. sexo (1)
idade(2)
estado civil (3)
naturalidade (9)
nacionalidade(10)
escolaridade (7)
nível de instrução (8)
principal meio de vida (11)
profissão (12)
situação na profissão (13)
horário de trabalho (15)

2. caracterização dos alojamentos
segundo o seu tipo (17)
localização da residência anterior (19)
infra- estruturas dos alojamentos (18)
identificação do local de trabalho (14)
caracterização das actividades de tempos
livres(28)

3. atitudes face à escola (16)
atitudes face à amizade (29)
atitudes face à rede de vizinhos (22 a 27)
atitudes face à dimensão real, desejada e ideal da
família (4, 5 e 6)

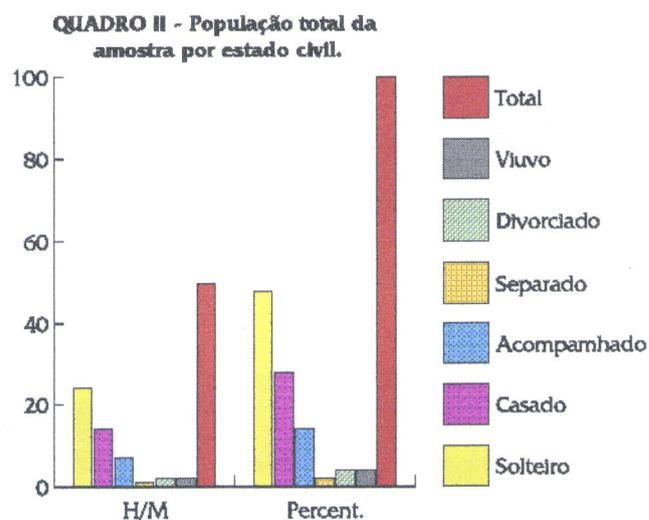
A necessidade de conhecer a situação dos inquiridos no que respeita aos seus alojamentos e local de residência, baseia-se na importância de que se revestem no estudo das atitudes e comportamentos, de acordo com a situação

ambiental/ habitacional.

Os indivíduos inquiridos deram-me uma perspectiva de qualidade/ quantidade do lugar onde estão alojados e onde desenvolvem as suas relações sociais formais e informais, fornecendo dados de referência para a concretização das suas necessidades de bem estar social e equilíbrio ecológico.

4. PERGUNTAS E RESPOSTAS

1. e 2. SEXO e IDADE. O Quadro I, já apresentado na pág.74 do trabalho, apresenta uma fácil leitura da conjugação destes dois itens. Escolhi os referidos grupos etários por neles se localizarem expressivamente as manchas da população africana negra do Bairro de Chelas. Pode considerar-se uma população jovem; podemos extrapolar para uma leitura que faça corresponder o grupo etário 18- 28 anos ao 40-50 anos,concluindo-se pela presença de pais e filhos.



3. ESTADO CIVIL

O Quadro II, apresenta os resultados apurados relativamente a este dado permitindo-nos, no entanto, fazer a seguinte leitura complementar. A percentagem máxima apresentada, é de 48 % para os solteiros. Esta designação corresponde apenas ao estado civil oficial e não à sua situação de facto, uma vez que, na correspondente dimensão real da família, que segue, 20% dos inquiridos que se apresentaram com o estado civil-solteiro-declararam ter filhos, pelo que se entende viverem acompanhados e que não tenha havido uma total absorção pela sua parte da existência, no inquérito, deste estado.

Após este esclarecimento, aplicamos a seguinte correção:

% de solteiros c/ filhos-20% e solteiros s/ filhos-28%,

ficando assim apresentado o quadro do estado civil:

Solteiro-----28%

Casado-----28%

Acompanhado----34%

Separado-----2%

Divorciado -----4%

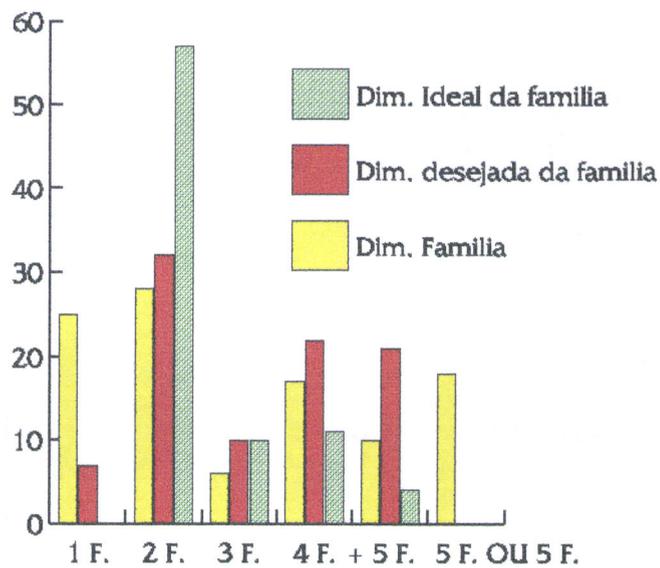
Viúvo-----4%

o que perfaz uma soma de $28\%+34\% = 62\%$ de indivíduos inquiridos com família constituída.

4. DIMENSAO da FAMILIA.

Verifica-se na leitura que pode ser seguida pelo Gráfico I que os individuos sem filhos correspondem a 26%, o que equivale a + 2% da 1ª leitura de Solteiro e a -2% " da segunda leitura de "Acompanhado"

QUADRO II - População total da amostra por estado civil.



Os indivíduos com 1 filho, são indivíduos ainda muito jovens, em princípio de vida, que correspondem a 18% da população da amostra. 12% têm 2 filhos, 6% tem 3 filhos e 18% e 20%, respectivamente 4 e 5 ou + filhos. Este último número (20%) regista-se em indivíduos entre os 40-50 anos e 50 e + anos. Representam, de certa forma, o ideal da família africana, onde ter muitos filhos é considerado vantajoso chegando mesmo a ignorar-se qual o tipo de vida que ca da um venha a ter.

O ANEXO X, (página 184), pode fornecer alguma informação mais detalhada, relativamente às idades dos pais e dos filhos respectivos, bem como o número de filhos/indivíduo inquirido e respectivas idades de ambos.

5. e 6. DIMENSÃO DESEJADA e IDEAL da FAMÍLIA.

Na elaboração do inquérito, não me apercebi da dificuldade que iria encontrar por parte dos inquiridos, na compreensão dos dois termos, *pois foi entendido por quase todos eles, que desejada e ideal teriam o mesmo significado.* Ultrapassada a situação obtive razões justificativas para uma e outra situação bastante interessantes de que darei conta mais adiante.

Para um total de 49 respostas, dado que um dos inquiridos não respondeu, apurei os seguintes dados, correspondendo ao número de filhos desejados: 1 filho, 4 indivíduos, 8% ; 2 filhos, 16 indivíduos, 33% ; 3filhos, 6 indivíduos, 12% ; 4 filhos, 12 indivíduos, 24% ; 5 filhos ou + de 5 filhos, 11 indivíduos, 23% .

A percentagem mais elevada situa-se nos indivíduos que desejam ter dois filhos; sendo que, os que desejarlam ter 4, 5 ou +5 filhos correspondem a grupos etários mais elevados.

No que refere à razão justificativa para desejarem ter o número de filhos por si indicado, encontraram-se as seguintes situações: 46% apontam as más condições económicas e a dificuldade na educação dos filho o que os leva a optar por dois filhos; 37% apresenta motivações psicológicas e afectivas para terem entre 2 a 3 filhos; como por ex.: “Torna a educação e a convivencia mais facéis”; “Porque dois são poucos para me a judar na velhice”; “ Sempre me senti vocacionada para ter mais de dois filhos e só assim me sentirei realizada psicologicamente”; “Porque corresponde aos meus objectivos e planos”; “ Para

continuarem a família” 10% referem o costume e o modus vivendi africano: “Porque a riqueza africana baseia-se no número de filhos”; “Porque gostava de ter mais rapazes para protegerem as raparigas”; “Porque ter filhos é uma alegria e é a nossa sobrevivência”. Dos restantes 5% não me foi possível entender o significado das respostas .

No que se refere à DIMENSAO IDEAL da FAMÍLIA, 1 indivíduo, representando 2% disse que o ideal era não ter filhos; 0% afirmaram -se por 1 filho como ideal; 28 indivíduos, ou seja, 57% declararam ser o seu ideal ter dois filhos; 6 indivíduos, 12% referiram 3 filhos como ideal; 24%, 12 indivíduos manifestaram-se por 4 filhos e 2 , 4%, por 5 ou + filhos .

57% é a percentagem superior indicando um ideal de 2 filhos e apresentando razões de ordem económica: Porque a vida está difícil”; “ Porque é caro pagar à ama”; “Cá em Portugal é a conta ideal para um casal por razões financeiras”; “Porque está mais de acordo com as condições económicas e financeiras das pessoas”. Razões de ordem afectiva e psicológica- “Porque um fica isolado”; “Mais que dois não dá tempo para os proteger”; “ Porque

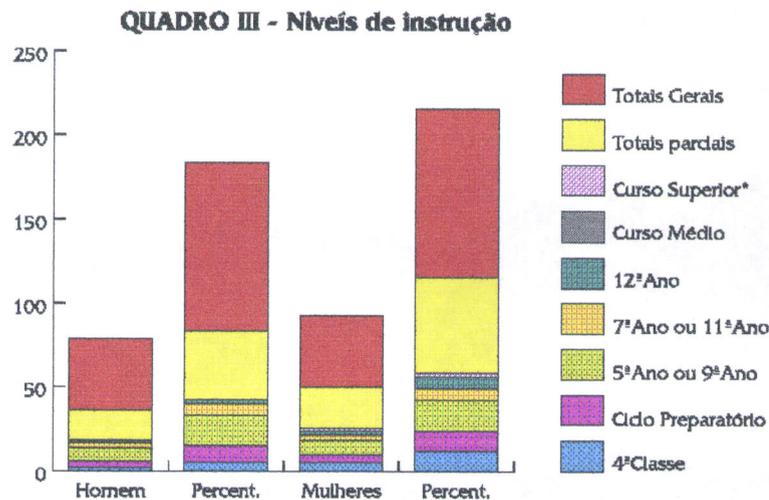
neste mundo de tanta violência e maldade em que as crianças não são respeitadas, não vale a pena nascer “ .

De salientar que se nota, por parte dos inquiridos uma forte consciência de como actuar em relação à procriação tendo em vista o bem estar económico-social e cultural dos filhos, prevendo o futuro, mesmo que isso corte com alguns sistemas de valores e costumes africanos, o que demonstra um forte sentido de integração nos costumes europeus e no país acolhedor.

7. **ESCOLARIDADE.** Dos 50 inquiridos, 88% afirmaram ter frequentado a escola e apenas 12% declararam não o ter feito; especificando para a questão “Sabe ler e escrever?”, 90% afirmaram que sim e apenas 10% afirmaram que não, o que implica pela análise de resultados que alguns dos que não frequentaram a escola aprenderam por outra via, a ler e escrever.

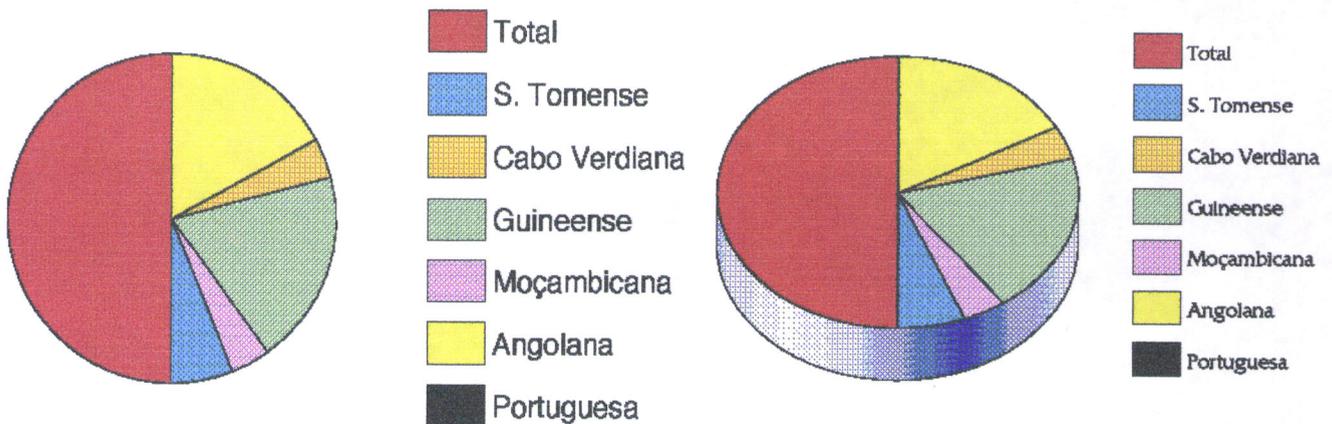
Estamos perante uma população na sua grande maioria alfabetizada .

8 . NÍVEL de INSTRUÇÃO . O Quadro I I I, que nos mostra os níveis de instrução por sexos, vem comprovar a leitura anterior.



As % mais elevadas encontram-se concentradas no antigo 5º ano ou actual 9º ano, 18%; seguidos de 12% para o Ciclo Preparatório e 4ª classe.

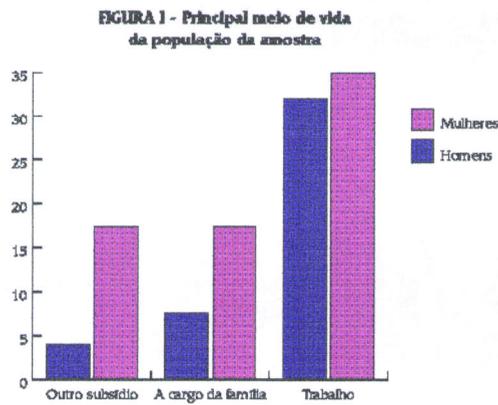
9 e 10. NATURALIDADE e NACIONALIDADE.



Os Quadros IV e V, da página 86, mostram-nos uma distribuição heterógena de naturais dos países de expressão portuguesa que pode não representar o quadro geral da população, pois tanto quanto apurei o número de moçambicanos foi sempre mais forte do que o aqui assinalado, apesar de termos em consideração que como muitos deles são comerciantes de origem goesa poderão ter já abandonado o bairro para se instalarem mais no centro da cidade.

No que respeita à NACIONALIDADE, de registar que 31% da população da amostra já adquiriu nacionalidade portuguesa, o que corresponde, em certo sentido, à concretização de um sonho por parte dos naturais emigrados perante as oportunidades que este estatuto lhe confere.

11. PRINCIPAL MEIO de VIDA.



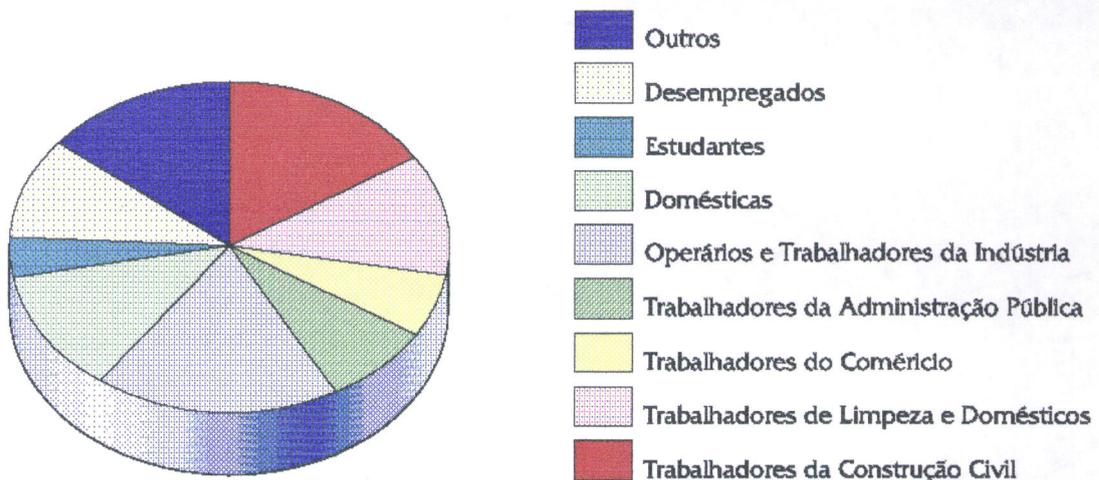
A Figura I, ilustra-nos a análise destes dados, correspondendo o gráfico à seguinte situação:

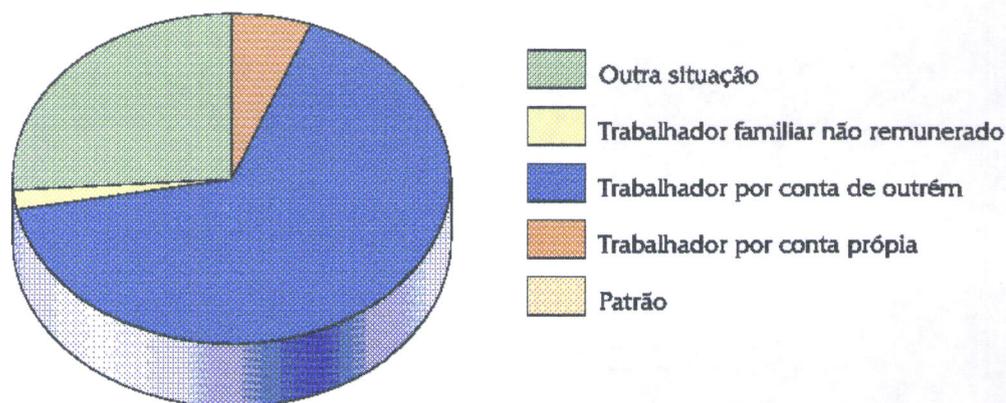
	HOMENS	%	MULHERES	%
TRABALHO	16	32	18	36
OUTRO SUBSÍDIO	04	08	07	14
A CARGO DA FAMÍLIA	01	02	04	08

Uma leitura feliz dado que a maior parte da população = $32\% + 36\% = 68\%$ vive do trabalho, isto é, constitui população activa. Quanto ao "outro subsídio" apurei que

designa subsídios de assistência, sem conseguir que me fosse explicado o seu significado; a “cargo da família”, embora as % sejam baixas, são compostas por estudantes e domésticas com filhos e netos a cargo.

12. **PROFISSÃO.** Para a compreensão destes dados remetemos para a leitura do Quadro VI e, como comentário, consideramos ser bastante equilibrada a repartição pelas profissões apresentadas.





13. SITUAÇÃO na PROFISSÃO.

Acompanhados pelo Quadro VII, constatei que 66% dos inquiridos são trabalhadores por conta de outrem, o que também reforça a sua posição no mundo do trabalho. Por outra situação tome-se: os estudantes e as mulheres domésticas, entre eles.

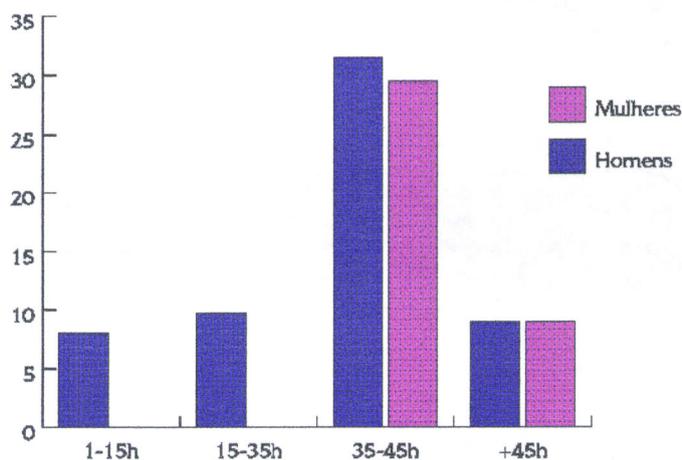
14. LOCAL da PROFISSÃO.

70% dos inquiridos declararam exercer a sua profissão em Lisboa e 30% fora de Lisboa e destes apenas 8% exerce a sua profissão em Chelas, deslocando-se os outros 22% para os arredores de Lisboa, desde Almada às linhas de Sintra e Cascais.

15. HORÁRIO de TRABALHO SEMANAL.

O horário semanal dos inquiridos apresenta a sua % superior, tanto para Homens como para Mulheres, no período compreendido entre 35 e 45 horas semanais, que é o generalizado para a maioria dos trabalhadores naturais de Portugal.

FIGURA II - Horário semanal da população inquerida



A leitura pode ser completada com a análise da Figura II, onde se vêem as %s superiores de 29% Hs e 31% Ms no período atrás indicado, seguido de + de 45 horas para 9% Hs e Ms.

16. ATTUDE FACE á ESCOLA.

Para análise destas respostas que o eram a perguntas abertas, elaborei um quadro de entradas das respectivas respostas e coloquei a Escola, como:

1. centro de aprendizagem
2. centro de criação de Humanismo
3. centro de desenvolvimento da criatividade
4. centro de desenvolvimento para um futuro económico/social e, em relação aos 100% dos

inquiridos, apurei:

para 1.....	32%
para 2.....	36%
para 3.....	6%
para 4.....	24%

A percentagem de 1. e 4., estão de acordo com os parametros seguidos ao longo dos tempos para a definição de Escola; saliento, no entanto, a elevada % para 2., que declara uma forma nova de encarar a Escola que também sobressai nesta população.

Apurei respostas interessantes, tais como: “É ali que se aprende a ser Homem”; Na escola aprende-se o bem e o mal. Aprendemos a ser alguém”; “É a melhor via para ser Homem”.

Quanto à pergunta específica “PORQUE se ‘chumba’ na ESCOLA?”, foi traçado por mim o seguinte perfil de possibilidades para o insucesso:

- falha dos alunos.....54%
- falha dos profs . e alunos.....16%
- falha da família e dos profs6%
- falta de conhecimento da escola.....4%
- falta de condições socio-económicas.....16%

os restantes, não responderam à pergunta.

De salientar que não se registou qualquer referência a factores de racismo, apenas foi referida alguma dificuldade de compreensão de “linguagem” utilizada na escola.

A maior %, 54% refere a falta de estudo dos alunos e a sua solicitação para outras "actividades" fora da escola mas que a penetram: más companhias, droga, marginalidade, etc.

17. HABITAÇÃO.

Os dados apurados vieram confirmar o campo em que trabalhava : um bairro de habitação social, assim, 82% vivem em habitação social, 16% em barraca e 2% confundiu a sua situação e referiu viver em apartamento, mas pelo conjunto das restantes respostas depreendi tratar-se também de habitação social. A totalidade, 100% vive com familiares o que me ocorre demonstrar uma forte coesão familiar.

18. INFRA-ESTRUTURAS do ALOJAMENTO.

Quanto a esta questão as %s encontram-se assim distribuídas:

	TEM	NÃO TEM
Electricidade.....	92%.....	08%
Água canalizada.....	86%.....	14%
Casa de banho.....	94%.....	06%
Esgoto.....	86%.....	14%
Cozinha.....	92%.....	08%

o que está de acordo com o número de moradores em habitação social e em barracas onde faltam infra-estruturas ou existem improvisadas, como o por eles chamado água canalizada e esgoto referindo-se à água do chafariz e fossas colectivas.

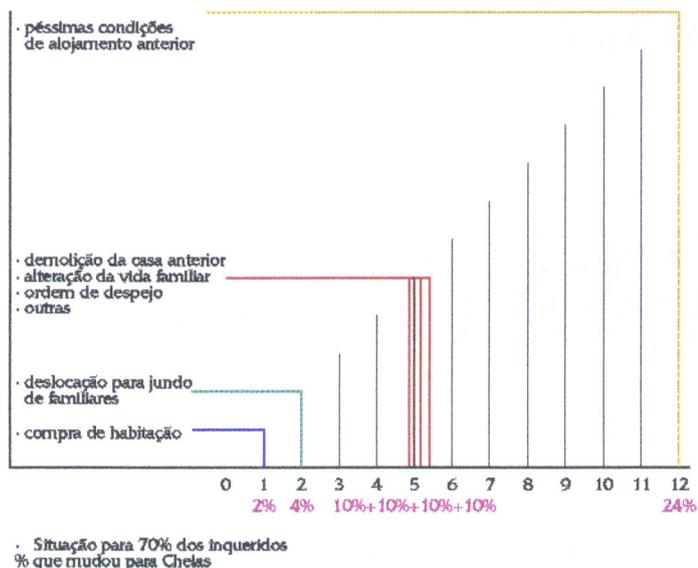
O número de divisórias das barracas é de uma; as divisões dos apartamentos de habitação social dependem do agregado familiar e apresentam por divisões as seguintes %s:

2 quartos.....19%
 3 quartos.....13%
 4 quartos.....52%
 5 quartos.....8%

os 10% aqui não incluídos referem-se às barracas com uma divisória, já referida.

19.,20.e 21. Quando perguntei aos inquiridos se sempre tinham morado em Chelas, 70% respondeu que não e 30% afirmou-nos que sim. O Quadro VIII, apresenta-nos as %s e razões porque mudaram os inquiridos para Chelas, ficando bem delineado tratar-se de um bairro que se viu projectado para o alojamento.

QUADRO - Razões do alojamento em Chelas



Quanto à forma como vieram, 15 não responderam, dos restantes 35, 83% declarou ter vindo com familiares e 17 % ter vindo sózinho para viver perto de familiares e amigos.

22. a 27. Quando se perguntou se gostavam de viver em Chelas, as respostas obtidas, apresentadas pela Figura III, denotam o peso do GOSTO, com uma % de 26% para os Hs e 36% para as Ms; para a situação de gostarem das pessoas que vivem em Chelas, também se revelou superiormente GOSTO, com 28% para os Hs e 36% para as Ms.

FIGURA III - Afectividade local de residência e vizinhos

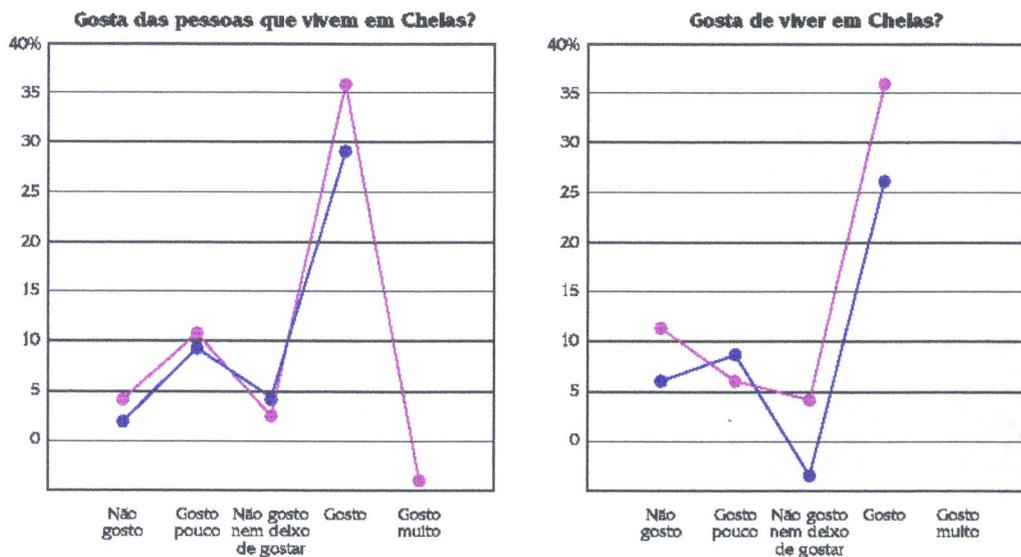
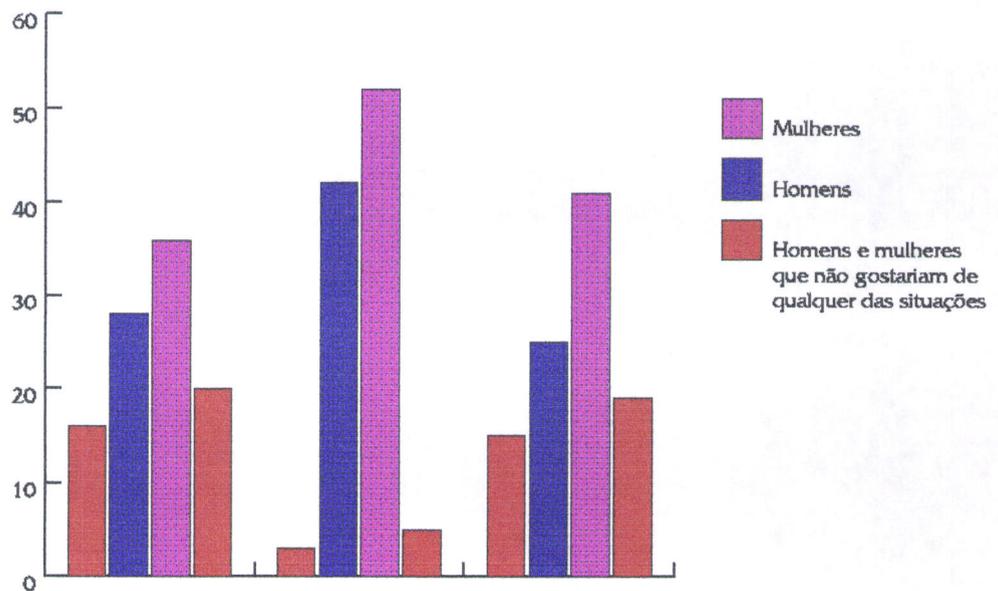


FIGURA IV - Quem gostava de ter como vizinhos em Chelas



Contudo, será de notar que no que refere a pergunta 24- “ Se MUDASSE de CASA GOSTARIA que a sua NOVA CASA FOSSE em CHELAS?”-1 não respondeu e dos restantes, 55% afirmou gostar que fosse fora de Chelas e 45% que fosse em Chelas com determinantes advindas das perguntas 25., 26. e 27., onde superiormente se indica que gostariam de ter como vizinhos pessoas conhecidas que nao fossem de Chelas, o que nos parece vir reforçar a ideia da comunidade que de pre tende consolidar cada vez mais. Aqui será importante verificar o que traduz a Figura III. (Página 100)

Quanto às razões justificativas para gostar de morar em

Chelas, recebi respostas, tais como : "Porque possuir casa própria" ; "Porque fui bem recebida e não conheço outro local de acolhimento"; "Porque é um bairro muito sociável e tem muita gente africana que cá vive"; "Porque a maior parte dos meus familiares vive em Chelas e estamos mais ou menos enraizados"; "Porque tenho cá muitos amigos"; "Porque o ambiente é calmo com pessoas conhecidas".

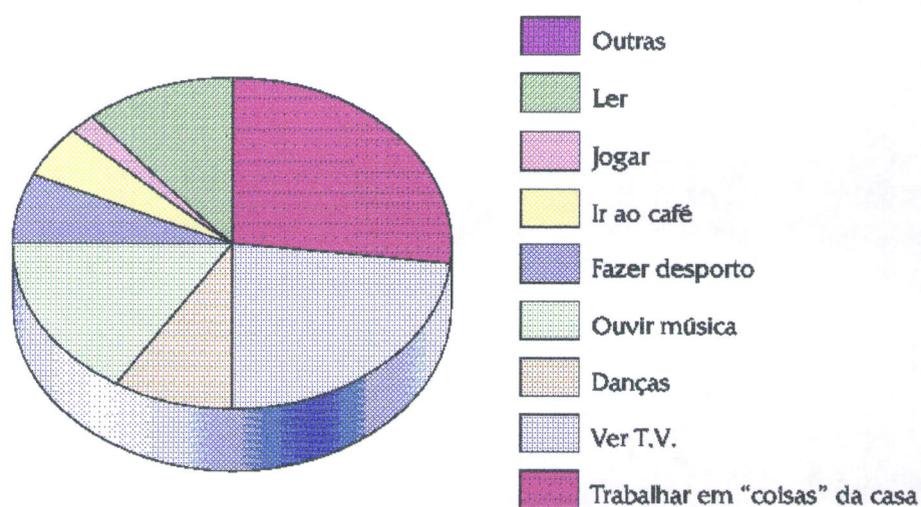
No que refere aos que não gostam de morar em Chelas, sublinho: "Porque é um bairro degradado e cheio de vícios"; "Porque há montes de coisas más"; "Devido aos problemas que existem"; "Por causa do ambiente em degradação e vícios que vão aumentando

Quanto às razões justificativas para gostar das pessoas que vivem em Chelas, aponto entre outras: "São conviventes e amigos das pessoas que conhecem"; "São pessoas boas e não tenho razões de queixa"; "Porque existe muita camaradagem"; "Porque são pessoas boas com quem tenho boas relações"; "Porque são pessoas da minha terra com quem falamos a mesma língua e trocamos impressões"; "Porque a sua maneira de ser, é compatível com a africana".

Entre as razões apontadas para não gostar sliento "Porque

há alguma confusão"; “Porque a minha maneira de ser não tem nada a ver com as pessoas de Chelas”; “Devido ao procedimento de alguns”; “Porque as pessoas falam muito da vida dos outros”.

28. TEMPOS LIVRES.



O Quadro IX, dá-nos a leitura precisa de ocupação dos tempos livres dos inquiridos.

De notar que a maior % vai para "Trabalhar em coisas da casa", o que significa ausência de tempo livre, embora considerado como tal por que não se está no local de trabalho.

Esta % acumula com "Ver TV" e este item acumula com "Ler" e "Ler" com "Dançar". Acho significativo em termos de qualidade, a indicação de 14% gostar de ler. A TV, ocupa um alto índice como é detectado na sociedade global.

29. AMIZADE. As perguntas que referem esta temática, deram-me respostas que vêm confirmar o que tínhamos como hipótese para uma definição de amigo por parte dos africanos, implicando fazer parte da família. Assim 90% distingue um amigo de um conhecido e partilha com aquele problemas íntimos. São definidos, os amigos, por ex.: "É aquele que está connosco nos momentos bons e maus, o que sabe ajudar e estar presente"; "É uma pessoa da ' família ' "; "É um parente"; "É um irmão que ajuda os seus irmãos"; "É uma pessoa que dá a sua contribuição

num momento difícil e também nos momentos bons com partilha o mesmo espírito "; "É um irmão"; "É da família"; "É panheiro"; "Um amigo é muito mais do que a família lá de casa"; "É como se fosse um irmão".

Como escolhe os amigos?, revelou-me em todas as respostas a identificação de carácter, maneira de ser e reacção de resposta aos problemas que vão sendo revelados pelas conversas mantidas e que mostram a 83% "A maneira de ser de cada um".



Início este capítulo com duas citações de Park.

A primeira, "... todas as formas de associação entre os seres humanos ficam (...) na localidade e na associação local" (.)
A segunda, em que Park e Mckenzie salientam uma das observações iniciais quanto à correspondência das divisões especiais de cidade com os interesses sociais, culturais e vocacionais da sua população. Eles pensam poder desenvolver uma teoria quanto à sua evolução. As comunidades referidas de cidade são o produto final dos processos de reversão pelos quais os grupos estabelecem controle sobre uma localidade, embora, por sua vez, fiquem sujeitos a ser desfeitos em fases sucessivas do crescimento da cidade. Aparentemente considera-se que o "equilíbrio biótico e o equilíbrio social" podem ser reassumidos. Fases de rápida mudança seriam seguidos pela cristalização dos arredores como uma comunidade com uma ordem distinta de instituições, atitudes e mesmo estrutura de personalidades. Consequentemente todas as áreas naturais têm tendência para ter as suas próprias tradições peculiares, costumes e convenções, modelos de propriedade e decência, como uma linguagem sua, pelo

(1) R. E. Park, 'The Mind of the hobo' (1925) incluído em *Human Communities*, p. 94.

menos um discurso universal em que, as palavras e os actos têm um significado, que é apreciavelmente diferente para cada comunidade local (1).

Este início justifica-se porque foi verificado ao longo do nosso estudo e porque constituem a formação de um todo apresentado em partes quando propusemos os objectivos do trabalho.

Estes objectivos prendem-se com a hipótese a ser verificada, mas foram por mim realçados porque teriam capacidade de particularizar os incidências do trabalho nas várias secções. Assim, de uma forma abrangente tentei cumpri-los na íntegra, concluindo sobre eles:

Identifiquei os incidentes do crescimento da comunidade através da selecção e segregação da população ao verificar que não é atractivo, para a população da cidade ou de outras zonas da cidade com outras formas de estar, culturais e sociais, o convite para coabitar com esta população a que são associados todos os seus traços caracterizantes o que afecta a hipótese de integração numa comunidade mais vasta, introduzindo-se alguns modelos

(1) R. E. Park, 'Community and Society', p. 201.

de controle. Prova-o cabalmente a campanha desenvolvida por uma cooperativa de habitação que nasceu há dois anos e conseguiu até agora angariar 12 associados; o chavão de marketing utilizado é - Habitações situadas junto aos terrenos da EXPO 98'. Os associados pertencem à classe média, são quadros jovens na sua maior parte mas todos eles estão a adquirir propriedade não para se fixarem mas para venderem depois porque com a proximidade do evento ficará valorizada a sua propriedade. (Considerarei ainda que a própria população dos bairros que habita em vivendas separadas por uma linha de cintura toda das zonas de habitação social não reconhecem os habitantes das zonas I, J, L, M, N, O, P de Chelas como seus vizinhos, mas como alguém que veio estragar a sua vivência e que pela sua proximidade de algum modo interferir no seu conforto de classe média. Ora a comunidade de Chelas cresceu com estas franjas comunitárias seleccionadas e segregadas da população e não se pode de modo algum escamotear que elas constituem hoje o pulsar do bairro. Pressupõe-se que cada vez mais a eles se têm vindo juntar grupos

de iguais que fortalecem a comunidade existente, pelo menos nesta fase de desenvolvimento.

Consciencializei o processo de desagregação e posterior aglutinação própria, no caso dos emigrantes das chamadas raças históricas, porque se distinguem por marcas raciais.

A um tempo "armazenados" nas suas novas habitações, foram a outro tempo pelas suas práticas da vida, ligadas aos seus próprios conceitos culturais, levados a moldar as suas próprias habitações de modo a reduzi-las à forma simples da sua 'casa' no país de origem. Vivem sobretudo os pátios em volta e conversam animadamente no meio desses pátios em grupos plurirraciais, vivendo muito mais uma existência que se estende para lá das paredes da casa, expressão da sua própria vida africana.

Vemo-nos no meio de uma comunidade organizada, baseada em princípios próprios, com uma vida social assente em fortes laços afectivos, estruturados em redes sociais de suporte e vinculação a que não é estranho nem o próprio tecido urbano do agregado, nem o tempo e o convívio e as origens, o desenraizamento em relação ao país de origem, o seu emigrante, porque vivendo no seio de

emigrantes, todos os habitantes de Chelas o são de uma maneira ou de outra; e também a condição de minoria e a partilha de esperança comum de melhores condições de vida. Neste último ponto verifiquei algumas vezes que o caminhar por meios ilícitos pode significar melhores condições de vida que se traduzem simplesmente pela aquisição de um automóvel último modelo.

Reconhece-se facilmente que as áreas naturais são os habitats de grupos naturais e que é grupo natural, o grupo referido dentro da comunidade em estudo, no contexto em que 'as áreas naturais são o 'habitat' de grupos de gente que, na base da sua existência num território comum, desenvolvem culturas distintas. Elas são 'naturais' naquilo em que não são planeadas - não o resultado do desenho, antes uma manifestação de tendências relativas à situação urbana'. (1)

Não fora isto verdade e não se verificariam as adaptações do meio aos seus elementos e vice versa, principalmente através da modelação das casas e dos espaços envolventes à própria cultura dos indivíduos e à fixação no espaço de entidades culturais vinculadas a elas como os espaços de convívio em terreno aberto, a congregação dos próprios

(1) R. E. Park, 'Community and Society', (1929), incluído em Park, Human Communities, p. 196.

para alargar o conceito térreo da sua habitação, dentro dos parâmetros oriundos do país de origem.

A consequência da política de realojamento na coesão do tecido social manifesta-se particularmente na dificuldade de conseguir essa coesão, no respeitante em especial com a comunidade mais geral que é o próprio bairro, pois surge uma desarticulação com aquilo para que se pretende criar o bairro - fazer dele um polo residencial de fixação de gentes e vida próprias. Ficou já registado neste trabalho que embora não fosse ideia a concretização de 'ghetos', a necessidade de criação de habitação para satisfazer a política de realojamento, veio estancar os polos de desenvolvimento e articulação da zona com o resto da cidade. A coesão do tecido social sai abalada com a concretização das políticas de realojamento prevendo-se que, e nos seja permitido o seguinte cenário: uma nova geração de mestiçagem poderá vir a vincular-se a uma nova ordem a instituir, com o já verificado cruzamento de raças, o que possivelmente restituirá coesão ao tecido social. Porém, este cenário é apenas previsto para gerações vindouras pois para as gerações actuais este cruzamento

embora se comece a impôr é ainda fonte de grandes conflitos interiores pessoais e grupais, até porque o nosso país apesar do seu passado colonialista não tem entrosado em si o fenómeno de mestiçagem nem incorporado o cruzamento de raças; sempre foi considerado um plano prioritário o acasalamento entre indivíduos da mesma raça para o bom relacionamento e para a confirmação dos traços de amizade desenvolvidos entre europeus e africanos.

Esta análise pontual de observância e consecução dos objectivos finaliza com a determinação dos possíveis cenários para a capacidade de integração das comunidades nos agrados em desenvolvimento. Efectivamente as questões põem-se ao seguinte nível:

é marcante que o estrangulamento desta comunidade se deu no momento em que se pretendeu transformar uma zona rural numa zona industrial que o foi durante muito pouco tempo, pela dificuldade de fixação de indústrias na zona, difícil acessibilidade e posterior desactivação dos pontos de indústria. O seguinte estrangulamento dá-se ao tentar transformar em área

residencial uma área que não possui o suporte de equipamentos necessários para tal e a um terceiro tempo, quando as necessidades de alojamento fazem corresponder a uma imprópria política de construção pela construção para receber comunidades a instalar. Podemos prever que pela interferência da realização da EXPO 98 o conseqüente desenvolvimento da Zona Oriental de Lisboa, pela necessidade de construção dos equipamentos estruturais do evento se venham a firmar numa mão-de-obra residente, donde possivelmente sairá reforçado um certo sector que consolidará a sua existência na zona; possivelmente de outras zonas poderão emergir novas invasões para fixação e sobressobrarão os que ficarem em situação minoritária e que permanecem em desvantagem sendo naturalmente expelidos para novas áreas naturais que surgirão quando este centro possível florescer.

Não podemos esquecer que a comunidade humana tem o seu início nos traços da natureza humana e nas necessidades dos seres humanos. O homem é um animal gregário: não poderá viver só, nunca. É

relativamente fraco e necessita não só da companhia de outros associados humanos, como também da protecção e abrigo contra os elementos. Onde o homem estiver estará uma área urbanística de alguma natureza; incluindo o pensamento de vizinhos, diremos que existem três coisas essenciais para se iniciar uma comunidade humana: a casa, a estrada e a água. De certa forma o que tem faltado ao desenvolvimento comunitário do Bairro de Chelas são os transportes, como o mais essencial dos equipamentos que faltam em toda a Zona Oriental de Lisboa; porventura a EXPO 98 deverá por necessidade criar meios de transporte que façam a deslocação para outros pontos e assim poderão também aparecer novos polos de construção.

Considero ser essencial centrar esta nossa leitura de consecução dos objectivos, no suporte de algumas premissas dos estudiosos da "Escola de Chicago" para o estudo da cidade e no seu contributo para a fixação do espaço vital da Ecologia Humana, pois foi esse pensamento que norteou o meu trabalho e lhe forneceu orientações para que ficasse mais consubstanciado.

Assim partiu do princípio de que Mckenzie parte ao abordar a definição **Ecologia Humana como o estudo das relações espaciais e temporais (1) dos seres humanos, como estes são influenciados pelas forças selectivas, distribuidoras e acomodativas do meio (2)**, pressupondo que a introdução de um elemento inovador na comunidade pode ser designar o estágio inicial de uma revisão que pode resultar numa mudança completa na estrutura e na organização da comunidade. A introdução de um novo meio de transporte, por exemplo, pode transformar a organização económica de uma comunidade e resultar numa mudança no tipo de população.

De recordar que pela falta de observância deste contexto, Chelas é o lugar de onde é difícil sair e onde é difícil chegar, pelo que ficou referido algures neste trabalho. Lisboa, centro de decisões, está longe, embora "fique situada nos arredores".

A Ecologia Humana está fundamentalmente interessada no efeito de posição (3) tanto no tempo como no espaço sobre as instituições humanas e sobre o comportamento humano; donde, "a sociedade é composta por indivíduos espacialmente espaçados,

(1) ... as formações ecológicas tendem a desenvolver-se em formações cíclicas. O período de tempo em que uma dada formação ecológica se desenvolve e culmina é o ciclo daquela formação. A duração desse ciclo, pode ser, afinal, medida e predita, razão porque se inclui o elemento temporal na definição.

(2) Mckenzie, Roderick, 'The Ecological Approach to the Study of the Human Community', in the American Journal of Sociology, vol. XXX, n. 3 (novembro de 1924), pp. 287-301.

territorialmente distribuídos e capazes de locomoção independente" (4). Estas relações espaciais dos seres humanos são os produtos da competição e da selecção, e estão continuamente em processo de mudança à medida que novos factores entram para 'perturbar' as relações competidoras ou para facilitar a mobilidade. As instituições humanas e a própria natureza humana tornam-se acomodadas a certas relações espaciais dos seres humanos. À proporção que tais forças espaciais mudam, a base física das relações sociais é alterada, produzindo assim problemas sociais e políticos.

E finalizo com a seguinte passagem do autor em referência que nos parece ser de considerar em todo o processo de mudança, de transformação na paisagem urbanística e de organização para a coesão do tecido social, em qualquer base comunitária:

"(...) A comunidade humana difere da comunidade das plantas nas duas características dominantes de mobilidade e propósito, isto é, na capacidade de escolher um habitat e de controlar ou modificar as suas condições". A natureza humana não se devem portanto opor ou atrasar os desígnios de política em estratégias de desenvolvimento.

(3) A palavra posição é usada para descrever a relação de lugar entre uma dada comunidade e outras comunidades, bem como a localização do indivíduo ou instituições dentro da própria comunidade..

(4) Park e Burgess, 'Introdução to the Science of Sociology', pg.509

**VII - A COMUNIDADE
OBJECTO CENTRAL DO ESTUDO ECOLÓGICO**

Este título é igual ao retirado de Roderiack Makenzie, "The Ecologycal Approach to the study of the Human Community" the American Journal of Sociology, vol.XXX, nº3 (Novembro de 1924).

1- ÂMBITO E PROBLEMAS DA COMUNIDADE

Retomando o exercício do início do trabalho, situando-me no seu suporte científico e de acordo com o título que a este mesmo trabalho foi dado, por uma questão de arrumação de ideias, interiorização dos factos e conteúdos e contextualização dos mesmos, penso que em capítulo conclusivo devo deixar algumas palavras escritas sobre a comunidade(objecto central do estudo ecológico).

Pretendi que o meu trabalho sobre Ecologia Humana partisse assente nos pressupostos da minha formação de base: a sociologia. Para nós, o conceito de comunidade já tinha sido apontado variadas vezes em várias obras e autores de que poderemos salientar Tonnie em *Gemeinschaft e Gesellschaft*; *Community*, de Maciver ; *Community Organization*, de Steiner, *Neighbourhood and Community Planning* de Penny.

O termo "comunidade", à semelhança do que se passa com outros que fazem da linguagem diária tem sido aplicado com os mais diversos significados. Assim, lembra-nos Louis Wirth(1), para muitos comunidade significa as relações orgânicas que se observam no

(1) De acordo e cf. 'The scope and Problems of the Community', de Louis Wirth, Publication of the American Sociological Society, Volume XXVII, nº 2(Maio de 1933), pags. 61-73.

mundo animal e vegetal e que podem ser encontradas nas relações humanas, bem como entre os organismos da mesma espécie ou de diferentes espécies que vivem em base simbiótica. Lembra o mesmo autor que outros, se têm referido à comunidade, mais como uma relação psíquica do que orgânica, sendo que o consenso ressalta da simbiose e a acção objectiva da divisão do trabalho.

É aqui que parece centrar-se a diferença fundamental entre os pontos de vista de Herbert Spencer e de Augusto Comte. A Spencer ressaltava um aspecto do complexo social, a divisão do trabalho, a competição e a interdependência; Comte considerava o consenso, isto é, a cultura comum, as experiências, os objectivos e a compreensão compartilhados com o facto mais fundamental da coesão social.

As diferentes posições frente ao conceito de comunidade e tanto quanto a dificuldade se punha em diferenciá-lo do de sociedade, vieram fazer com que se conclui-se por considerar "comunidade" o respeitante à vida grupal quando considerada do ponto de vista da simbiose; "sociedade", quando considerada do ponto de vista do

consenso.

Para uma mais completa caracterização, a comunidade tende a ser justaposta a uma base territorial, com a distribuição em espaço de homens, instituições e actividades e pela convivência íntima baseada no parentesco e na interdependência orgânica e pela vida em comum baseada na correspondência mútua de interesses.

Embora, como referem Park e Burgess, "possa um indivíduo pertencer a muitos grupos sociais, não pertencerá ele, porém, ordinariamente, a mais de uma comunidade, salvo quando uma comunidade menor, de que ele é membro, se ache incluída numa maior, da qual ele também é membro.(1)

É dentro desta formalização teórica que se enquadra o trabalho que desenvolvi e o que o seu próprio título expressa: "Chelas -- uma comunidade também de negros..." sendo que os negros são uma comunidade dentro de uma comunidade maior que é Chelas. Aproveitamos para explicar a inclusão de também. É que, como deixámos relatado temos mais contextos raciais na comunidade alargada e nós pretendemos dar relevo no

(1) Robert E. Park e E.W.Burgess.
Introduction to the Science of
Sociology

nosso trabalho à comunidade africana de raça negra, excluindo mesmos os africanos brancos que também lá existem em menor número e que têm uma realidade de vida diferente da nossa população alvo, embora com algumas linhas comuns tendo como referência os países de origem.

Estes elementos que previligiamos, vivem em comunidade considerando o que já têm em comum e o que poderão vir a ter ou não consoante a comunicação for estabelecida ou não. Este é o ponto fulcral pelo qual se dá a simbiose e se representa o consenso numa comunidade ou então, ela entra em ruptura. Dewey resume o facto "...há mais que um laço verbal entre as palavras: comum, comunidade e comunicação. Os homens vivem numa comunidade em virtude das coisas que eles têm em comum; e a comunicação é o meio pelo qual vêm a possuir coisas em comum."(1)

Chelas como todas as comunidades tem aspectos de convivência e de participação de uma vida em comum; na comunidade particular constituída pelos negros de Chelas também isso se verifica pelo que estamos perante

(1) John Dewey, Democracy and Education

comunidades correctamente delimitadas.

A simbiose e cooperação que são correctamente verificadas para a condução da existência de comunidades no mundo vegetal e animal, não chegam para a conclusão de uma comunidade humana, nesta, é determinante que se compreenda a participação dos indivíduos em empreendimentos comuns, a co-participação e de esperanças e ideais e os mecanismos de comunicação, que existem na língua, nas normas, nos costumes, conseqüentemente na assunção do património social.

No meu trabalho não me fixei no simples estudo da distribuição da população, campo da Demografia, mas concebi a área como comunidade considerando-a como uma unidade, entrando assim no âmbito da Ecologia Humana.

Para o Ecólogo, o interesse reside no estudo de processos tais como a invasão, a concentração, a segregação, a sucessão e a mobilidade que se observam dentro de uma população de áreas consideradas como unidades ou comunidades, daí o meu interesse em fazer o levantamento histórico-social-político de Chelas desde os primórdios do

seu Plano de Urbanização até às linhas de definição da política actual para o seu desenvolvimento.

Mais uma vez terei que me aliar a Wirth - " Nas comunidades humanas, ao contrário das comunidades vegetais e animais, não nos ocupamos apenas de relações de espaço e de subsistência, mas verificamos invariavelmente que essas relações elementares são complicadas por factores económicos, políticos e culturais... afora a distribuição e a competição da população, vê o ecólogo também na comunidade um mecanismo físico, consistente, de prédios, ruas, meios de comunicação e de transporte, e um complexo de dispositivos técnicos mediante os quais uma área é transformada num habitat humano."

**2. PROCESSOS ECOLÓGICOS QUE DETERMINAM A
ESTRUTURA INTERNA DA COMUNIDADE**

Penso em atitude de conclusão que o que falta para o desenvolvimento do Bairro de Chelas, é a atenção concreta para um campo transdisciplinar do conhecimento, concretamente para a Ecologia, na sua vertente da Ecologia Humana. Assim, não foram até ao presente momento concretizados os objectivos base e de que há mais de trinta anos se traçaram em cenário e se vêm repetindo através dos tempos; a mobilidade da população desenvolvida nos últimos quinze anos pelo processo de invasão dos emigrantes das antigas colónias, fez sentir de modo mais apurado este desfazamento. Fecho este meu círculo de análise com o outro autor que nos tem acompanhado ao longo do trabalho, e que cito pela presença do radocínio,

"no processo de crescimento da comunidade há um desenvolvimento do simples para o complexo, do geral para o especializado: primeiro, é o processo de centralização crescente, mais tarde é o proceso de

descentralização."

O eixo ou esqueleto da estrutura de uma comunidade é determinado pelo curso das primeiras vias de transporte de tráfego. São constituídas perto das estradas, em geral paralelas a ela, casas e lojas. A estrada pode ser um trilho, uma via pública, uma estrada de ferro, um rio, mas de qualquer maneira, a comunidade usualmente começa em linha que lhe é paralela. (Em relação a Chelas enquadrada na Zona Oriental de Lisboa, podemos formalizar esta linha na que é descrita pelo percurso do rio). Com o acumulo de população e de utilidades, a comunidade toma forma, primeiro de um lado da estrada e depois de ambos os lados. O ponto de junção ou de encruzamento de duas estradas principais, serve em regra, com centro inicial da comunidade(o afastamento do rio e a não aproximação até agora de linhas de tráfego para ligação às áreas circunvizinhas, desencadeou o isolamento de Chelas). A proporção que a comunidade nasce, não se verifica apenas uma multiplicação de casas e estradas, mas também um processo de diferenciação e segregação.

O processo de invasão de Chelas deu-se pela mobilidade

social na cidade em geral e participou no processo de segregação constante da área. As condições que relativamente ao desenvolvimento da cidade se verificaram e deram espaço à existência e formação de manchas como Chelas, são entre outras:

- Mudança de forma e vias de transporte;
- Obsolescência resultante da decadência física ou por mudança de uso de moda;
- Construção de importantes estruturas públicas ou particulares, prédios, pontes, instituições com significação atraente ou repelente;
- Introdução de novos tipos de indústrias, ou mudança na organização das indústrias existentes;
- Mudança na base económica as quais levaram à redistribuição do rendimento, necessitando assim de mudanças de residência;
- Desenvolvimento imobiliário, criando a procura de localizações espaciais, etc.

3. CONCLUSÃO RELATIVA À HIPÓTESE

Começo pela conclusão relativa à hipótese particular. Por todo o historial apresentado e desenvolvido ao longo do trabalho, e concluo nunca ter sido Chelas uma área potencialmente residencial, basicamente por nunca se terem desenvolvido os mecanismos de fixação, centralização e descentralização necessários e suficientes.

No respeitante à hipótese geral - estamos perante uma comunidade organizada, com uma vida social assente em fortes laços socio-afectivos, estruturados em redes sociais de suporte e vinculação interpessoal a que não é estranho nem o próprio tecido urbano agregado, nem o tempo de convívio e as origens, o desenvolvimento em relação ao país de origem, a ser emigrante, a condição de minoria, e a partilha de esperança e de melhores condições de vida?

Concluo por todo o trabalho apresentado que sim, principalmente para a comunidade de negros. Esta comunidade sobressai da comunidade em que está inserida - Chelas - por todas as conclusões dos dados do trabalho

de inquérito e entrevista e que se conjugam para a delimitação do seu conceito através de laços conjunturais que interligam esses elementos.

Com uma base cultural a defender, embora sentindo a necessidade de integração no contexto mais vasto da cidade, e comungam de uma partilha de interesses e ambições que os levam a interrelacionar-se de forma comunitária. O afastamento da "cidade" , privilegiado pelas dificuldades de acesso e transporte para a ligação entre esta e a sua área natural, esboça-lhes as características mais evidentes de diferença. A coesão social está patente no "equilíbrio" das suas vivências, em ruptura com a cidade. Daqui sobressai a quase definição de ghetto, particularizada pelas condições não desenvolvidas e/ou a desenvolver e que ficaram expressas pelo poder local.

É também esperança nossa a partilhar com a dos elementos desta comunidade, a de melhores condições de vida, seguindo as leis naturais do desenvolvimento das comunidades.

CONCLUSÃO

Após dois anos de trabalho curricular, iniciei o grande percurso para fixar o meu interesse numa única das muitas áreas de trabalho que se me deparavam.

Foram árduos meses de pesquisa, de leituras, de tentativas, muitas vezes julgadas frustradas de "agarrar numa temática.

Muitas vezes fui atraçoada pela falta de tempo, pela carência de meios e pela mutação constante das variáveis sócio-políticas a que se ligavam até a mudança de estruturas legislativas o que me faziam reconsiderar sobre a pertinência do trabalho que me dispunha desenvolver.

Concordo hoje, que nada disso tinha importância ou tinha-a de um modo muito relativo; era o processo de encontro, o processo de maturação de idéias, a linha em elipse que eu descrevia, o conhecimento do vasto campo da Ecologia Humana. Verifiquei, pois que esta ciência é hoje o centro de vida humana, do encaminhar de espécie, do desenvolvimento, do processo axiológico e a promessa no dealbar do século XXI.

Um acaso profissional levou-me a Chelas e ao efectivo envolvimento com uma realidade que me tocou e a que

tentei dar a melhor atenção, dada a sua importância, a de uma verificação da grande mudança gerada na sociedade portuguesa ao receber filhos de outros países, de outras culturas e também, por outro lado, do esforço desenvolvido para copular à cidade os seus arredores.

A minha intenção era desde sempre centrar o meu trabalho numa base de orientação sociológica dado ser essa a minha formação e instituindo-me, dentro do princípio que é espírito da Ecologia, de participação dos vários ramos do conhecimento para a resolução dos problemas e conflitos, locais, regionais, nacionais e mundiais.

Quando da frequência da área curricular do Mestrado, tinha exercido sobre mim forte interesse, o momento em que num seminário foi tratado a "Escola de Chicago" e do modo ela eternizava seu conteúdo através dos anos, aplicando-se perfeitamente ao crescimento das cidades de agora. Enveredei por esse caminho que, revelou de uma forma vinda de Sociologia, a definição da nova ciência que era a Ecologia Humana.

Foram mais de doze meses de trabalho em que a tarefa se complicou, desafiando-me constantemente. Primeiro porque

os dados oficiais que poderiam ou deveriam suportar um estudo desta natureza não existiam em qualquer parte, os dados estatísticos não existiam, ou estavam em algum caso, como no de C.M. de Lisboa, a começar a ser tratados em base de dados , sendo impossível o seu acesso e manuseamento; em relação ao quadro mais geral das estatísticas oficiais só existiam dados para a freguesia de Marvila de que Chelas é apenas um bairro, e relativamente à comunidade negra, surgiam apenas leves indicadores por aproximação devido ao difícil processo de legalização e de fixação no território português, sendo o meu momento concomitante com o momento em que as próprias entidades oficiais procuram solidificar algum conhecimento mais real deste fluxo migratório.

Não tenho agradecimentos a fazer a qualquer entidade porque de uma forma ou de outra, as portas estavam sempre fechadas. Agradeço sim, o esforço pessoal de alguns técnicos da Câmara Municipal de Lisboa, e de alguns Ministérios que, por iniciativa própria e motivados pelo interesse do assunto tratado se propuseram a algumas informações particulares.

No campo bibliográfico, cheguei ao ponto de ter que esperar pela literatura vinda de América, porque em Portugal a resposta era - "não há!" Não temos!" ou pior ainda, "não conhecemos!" Gostaria de sublinhar que a Biblioteca Nacional no que refere a Park, regista na sua base de dados a existência no Porto de um único livro deste autor.

Costuma-se dizer que a vontade remove montanhas e cá estou, chegado ao momento conclusivo de um trabalho que de qualquer modo foi realmente para mim um estudo exploratório e o é essencialmente, é que ainda por isso me deu motivos para achar gratificante desbravar um caminho difícil e aliciante que possa concorrer para o esclarecimento neste feliz campo do conhecimento que é a Ecologia Humana.

BIBLIOGRAFIA

- *Abou, Sadim*, L'identité Culturelle, Éditions Anthropos, Paris, 1991.

- *Almeida, Carlos*, "Emigration, Espace et Sous-developement", in *International Migration*, nº 3 - 1973.

- *Carreira, António*, Migrações nas Ilhas de Cabo Verde, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1977.

- *C. M. Lisboa*, Lisboa, Capitale Atlantique de l'Europe, Bâtir l'avenir, Direcção de Projectos de Planeamento Estratégico, Lisboa, 1993.

- *C. M. Lisboa*, "Proposta de Plano da Estrutura da Zona Oriental de Lisboa", Direcção de Projectos de Planeamento Estratégico, Lisboa, 1992.

- *C. M. Lisboa*, Plano Estratégico de Lisboa, Direcção de Projectos de Planeamento Estratégico, Lisboa, 1992.

- C. M. Lisboa, "O actual papel do plano de Chelas no ordenamento da zona oriental de Lisboa", Departamento de Construcção e Habitação, volume 53, Lisboa, 1991.

- C. M. Lisboa, Plano de Urbanização de Chelas, Lisboa, 1965.

- Esteves, *Maria do Céu* (organizadora) e outros, Portugal, País de Emigração, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, apoiado pela Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Lisboa, 1991.

- França, *Luis de* (coordenador), A Comunidade Cabo-Verdiana em Portugal, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, apoiado pela Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, Lisboa, 1992.

- INIC, Estudo para o Planeamento Regional e Urbano - nº 27, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, 1987.

- Mellor, J. A., Sociologia Urbana, Editorial Rés, Lisboa, 1984.- Mason, David e Rex, John (eds), Theories of Ethnic and Race Relations, Cambridge University Press, Cambridge, 1986.

- Mason, David e Rex, John (eds), Theories of Ethnic and Race Relations, Cambridge University Press, Cambridge, 1986.

- McKenzie, R.,The Ecological approach to the study of the human community, in On Human Ecology, University of Chicago Press, 1968.

- Osofsky, G.,Harlem: the making of a shetto , Harper and Row, New York, 1968.

- Park, R. E., The city , ed. R. E. Park e E. W.Burguess, University of Chicago Press, 1926.

- Park, R. E.,Human Ecology (1936) in Park Human Communities, ed. E.C. Hughes, Free Press, Chicago, 1952.

- Park, R. E., The Human Community as a Spatial pattern and moral order (1925), in Human Communities, ed. E. C. Hughess, Free Press, Chicago, 1952.

- Park, R. E. e Burgers, E. W., Introduction to the Science of Society, University of Chicago Press, 1921.

- Park, R. E. Race and Culture, Free Press, Chicago, 1950.

- Rex, Jonh e Moore R., Race, Community and Conflict, Oxford University Press, Londres, 1967.

- Rex, Jonh., Race & Etnic, Editorial Estampa, Lisboa, 1987.

- Taifel, H., Human Groups and Social Categories, Cambridge University Press, Cambridge, 1981.

- Tönnies, F., Community and Society (1887), Harper and Row, New York, 1963.

- Weber, M., The City (1930), Free Press, Chicago, 1958.

- Wirth, L., A Bibliography of the Urban Community, in the city, ed. R. E. Park e E. W. Burgess, University of Chicago, 1926.

- Wirth, L., The Ghetto, University of Chicago Press, 1926.

ANEXOS

O Étimo de “Chelas”

Chelas - Dicionário de Moraes de 1831 - Regatas (Chitas da Índia). Dicionário de Torrinha - Tecido em quadrados de algodão da Índia.

Lexicou Latino-Português 1890 - Chele, onis (e no plural, chelae, árum) f.; braço de balista (balista - s.f. (lat. ballista) machina de guerra com que se arremassavam frechas, etc.). Chelyon, il, u. casca ou concha de tartaruga

- Em inglês shell = concha. Dada a riqueza toponímica do termo concha e a abundância de fósseis nas formações geológicas é provável que seja o significado do termo. A proximidade de indústria militar pode também levar a atribuir a significação de Chelas aos locais especiais destinados a armazenar granadas.

CONTRIBUTO PARA A HISTORIA DE CHELAS

PEREGRINAÇÕES

"Depois em baixo passa o velha Estrada de Chelas, comprida, já guarnecida de algumas edificações decentes do fim do século passado. O sitio de Chelas é antiquissimo, remontando ao tempo dos romanos, e parece não haver dúvida de que o mar por aqui fazia esteiro, que deu, depois de seco, o aprazível vale.

Quási a meio da Estrada, antes da primeira ponte do caminho de ferro que liga à linha de cintura, topamos - daqui não se vê - um curioso palácio velho, nobre que foi e ainda duas vezes armoriado, seiscentista, hoje habitação de gente humilde.

É quási ao fim dessa Estrada que se encontra a fábrica "da Pólvora sem fumo", de Chelas, posterior à Fabrica de Barcarena.

Decreto-lei 42.454, de 18/8/1959. Para além da atribuição de uma série de tarefas, autorizava a CML a criar para tanto um “serviço técnico de carácter eventual”. Viria a ser criado, com equiparação a Direcção de Serviços, o “Gabinete Técnico de Habitação”. Nos Diários Municipais nºs 4647 e 4648 de 18 e 20 de Fevereiro de 1960, após deliberação da Câmara e aprovação do Ministro do Interior foram designados o Director e quadro de pessoal.

(...) 1. Quer o PDCL-1948 quer o PDUL 1959 propuzeram a expansão da cidade para Chelas.

E. de Groer dividiu a malha em duas partes, a poente do Vale de Chelas com ocupação habitacional e a nascente com industria e habitação unifamiliar nas zonas mais altas e sobranceiras ao vale central de Chelas. Entre a zona industrial e a de habitação foi prevista uma zona verde.

O G.E.U. elaborou, no âmbito do PDUL-1959, o Plano-Base de Chelas onde a zona industrial foi reduzida em proveito da zona de habitação tendo esta uma densidade mais elevada. O sistema viário era semelhante nos dois planos, ambos com uma estrutura radio-concêntrica, tal como o da cidade.

Em 1962 o GTH elaborou o Plano-Base de Chelas em que a zona de habitação e mantida, os espaços verdes ampliados para melhor protecção contra a poluição da zona industrial. O sistema viário foi também alterado: duas vias largas que se cruzam no centro da "malha" e que tem importância ao nível de toda a cidade.

Ao contrário dos Olivais Norte e Sul, a maior parte dos terrenos de Chelas estava por expropriar o que se veio a

traduzir numa operação deficitária devido à diferença entre as despesas com expropriação e urbanização e as receitas provenientes da cedência de terrenos em função do custo global dos edifícios.

Face às elevadas indemnizações que tinha de pagar pe los terrenos que ainda não estavam na sua posse, considerava *"(...) absolutamente impossível prosseguir nestas bases a realização do plano determinado pelo decreto-lei 42.454, pois isso acarreteria um 'déficit' na urbanização de Chelas de mais de um milhão de contos, o qual não poderá, evidentemente, ser suportado pela Câmara".*⁴⁵

Logo, com custos de terrenos cada vez mais elevados, os custos dos fogos eram tais que o acesso dos agregados familiares dos estratos de rendimento mais baixos viam o acesso aos mesmos vedado.

Em 1964 foi aprovado o P.G.U. da zona de Chelas e por isso declarada a utilidade pública para as necessárias expropriações. Com cerca de 510 hectares abrange uma área considerável da zona oriental da cidade, limitada pela II circular, a norte, a Av. Infante D. Henrique e a linha de caminho de ferro a nascente, a Av. Gago Coutinho, a poente, e aquela

mesma linha, a sul. A construção teve início em 1965.

O vale central de Chelas, cujo talvegue possui uma orientação Norte-Sul, divide a malha em duas partes distintas, com uma ocupação até essa altura predominantemente agrícola.

No período de elaboração do Plano o inquerito realizado revelou a existência de 2.801 famílias vivendo na área do plano, empregadas sobretudo na zona industrial.

2. O Plano-Base optara por uma estrutura interna “celular”, isto é, por uma estrutura centripeta. Porém, no seu desenvolvimento verificar-se-iam alterações as quais conduziram ao esquema definitivo. O qual consiste numa distribuição linear e continua do equipamento⁴⁶ de modo a constituir ramificações que servissem toda a área em vez de uma distribuição pontual dos equipamentos. Um dos objectivos desta opção era reabilitar a rua de peões e gerar vida urbana intensa em todas as zonas do Plano.

A proposta de localização de emprego do sector terciário no núcleo central de equipamento com interesse cidadão visava gerar fluxos de população activa com o restante tecni-

do urbano com vista a uma mais rápida integração.

A habitação foi distribuída pelas encostas menos inclinadas, cristas e vales mais largos, estando previsto que as densidades de ocupação atingissem os valores permitidos. A estrutura linear adoptada teve (terá) como efeito uma melhor ligação entre estas diferentes partes criando uma unidade que não existe numa estrutura celular. Procurou-se *“criar um ambiente meridional de acordo com as condições ecológicas que moldaram os melhores exemplos da cidade antiga”*⁴⁷

Foram previstos 20.000 fogos repartidos por quatro (cinco) categorias para um total de cerca de 80.000 habitantes, o que dá uma densidade de cerca de 160/ha⁴⁸.

Admitia-se que a área do Plano de Chelas estaria completamente ocupada no ano 2.000.

Uma inovação no âmbito dos planos municipais da CML foi o reconhecimento da necessidade de alojar, não famílias isoladas mas grupos de famílias relacionadas organicamente,

isto é, que tivessem laços de vizinhança, amizade ou familiar anterior ao (re)alojamento.

3. O "inquerito aos predios, barracas e casas abarracadas da zona de Chelas"⁴⁹ realizado pelo G.T.H. revelou um total de 7.303 habitantes (51% H e 49% M). Destes, cerca de 50% são naturais do distrito de Lisboa e destes a maioria e do concelho de Lisboa (1.198 individuos). A seguir aparece o concelho de Viseu com 1.190 individuos, Vila Real 479 e C. Branco 341 individuos.

Cerca de 40% da população tinha idades entre os 0 e os 20 anos, 50% entre 20 e 60 anos e 8% mais de 60 anos.

O nível de instrução era também muito baixo: 22% de anal-fabetos e 50% "sabe ler e escrever".

O nível sócio-económico era também muito baixo. Mais de 50% dos agregados familiares auferia menos de 2.000 escudos.⁵⁰

As rendas pagas por estas famílias oscilavam entre 50 e 700 escudos.

O "Inquerito aos bairros de lata e construções abarracadas da cidade de Lisboa" realizado em 1960 revelara para o conjunto da cidade que a população dos bairros de lata é em grande parte constituída por individuos vindos de outros concelhos. Cerca de 37% dos chefes dos agregados

familiares nasceram no distrito de Lisboa e cerca de 50% vieram de distritos a norte do Tejo, deles se destacando o de Viseu com 12%. Era, em regra, uma mão de obra pouco qualificada empregando-se, uma vez em Lisboa, especialmente na construção civil.

O inquérito realizado na Quinta do Marques de Abrantes 1 revelou que a maioria dos chefes de família trabalhavam na área de Marvila, Cabo Ruivo ou Poço do Bispo, daí a conveniência em os realojar em Chelas. Residiam neste bairro de barracas cerca de 1.700 agregados num total superior a 6.000 indivíduos. Tratava-se de uma população jovem, com famílias, na sua maior parte em evolução. Viviam em média 3,7 habitantes por barraca.

Muitos dos fogos da zona I de Chelas foram ocupados depois do 25 de Abril quando se encontravam ainda em acabamentos por famílias oriundas de zonas de barracas das proximidades⁵². A situação desses “ocupantes” foi posteriormente legalizada.

Outras viviam em quarto alugado ou em casas degradadas e ainda famílias vindas directamente da provincia. Neste caso, geralmente o chefe de família trabalhava já em

Lisboa mas mantinha-se separado da família por não possuir alojamento.

4. Em 1973 os prédios da Zona I estavam em adiantada fase de construção, bem como a rede viária e demais infraestruturas. Esta constituiu o 5º Plano de distribuição de terrenos (Quadro 1 e 3).

A Zona J que constitui o 6º Plano de distribuição de terrenos aguardava aprovação quando se chega ao fim do período aqui em análise. Depois da aprovação seguir-se-ia o concurso do tipo concepção-construção. Os trabalhos de urbanização (arruamentos e esgotos) deveriam ser feitos durante o período de estudo do projecto de concepção-construção dos edifícios. Previa-se a conclusão dos edifícios para 1977-78.

Além destas duas, estavam também já em marcha a Zona N2, a qual se destinava ao 7º Plano de distribuição de terrenos entregue em 1972 para aprovação e a Zona N1 que se destinava ao cumprimento do 8º plano de distribuição de terrenos(...) e Casas pré-fabricadas de Chelas.

Conhecido por "bairro do Relógio" foi construído para dar

resposta às mesmas necessidades de realojamento.

Com uma área de cerca de 17 ha deveria albergar 750 famílias, em casas desmontáveis de um e dois pisos, do tipo T2 e T3 (Quadro 5).

A área ocupada por este bairro “provisório” de casas tipo “Sorefame” desmontáveis será uma das futuras zonas verdes previstas no Plano de Chelas.

O argumento apontado para esta solução prende-se com a necessidade de proceder a realojamentos num curto período de tempo.

O equipamento foi também previsto com carácter provisório, à excepção de uma escola a integrar futuramente na zona verde.

As rendas mensais foram fixadas em 300 escudos.

Segundo dados do GTH, em meados da década de setenta, o bairro já tinha 1752 fogos e cerca de 8410 habitantes. Portanto, um aumento significativo do número de fogos em relação ao inicialmente previsto.

Departamento técnico de Habitação, 1974

(...) O tercelro núcleo, o de Chelas, cobrirá uma área de 510 ha., e nele serão construídos 16000 fogos; mas esta zona apresenta vários problemas de difícil solução, nomeando-se entre os principais a proximidade da zona industrial, a do aeroporto e o acidentado do seu solo. Quase metade da superfície apresenta declives superiores a 10% e diferenças de nível que atingem os 114m., embora com a circunstância feliz de grande número de declives serem virados aos quadrantes do sul. Os primeiros estudos para o aproveitamento desta área, que devido às condições de relevo ficou até hoje à margem da cidade e manteve um carácter rural, datam de 1948; várias alterações têm sido introduzidas, a última visando a ampliação de espaços verdes, como resposta ao desenvolvimento industrial das proximidades. Assim, dos 510 ha. apenas 43% (219 ha.) serão edificados, sendo 95 ha. para áreas de habitação, 57 ha. para equipamento e 42 a. para estabelecimentos de ensino, desde escolas pré-primárias a escolas médias, e 66 ha. para indústria e parques anexos. Está previsto o estabelecimento ; de centros de serviços urbanos e de comércio, de certo luxo, suportado pela existência de um ter-

ciário local e ,pelos futuros habitantes, que se procura atrair ,para os melhores prédios. De todo este projecto funcionam algumas empresas industriais, nomeadamente ao longo do rio e da avenida que liga este ao aeroporto, o Instituto Superior de Engenharia (antigo Instituto Industrial), vários blocos de habitação; mas o plano está ainda bastante atrasado. (...)

Departamento técnico de habitação, 1974

Programa - Valls - Valorização de Lisboa

CHELAS

Chelas é apenas um símbolo/síntese de uma vasta toponímia a recuperar a nascente de Alfama/Santa Apolónia: Barbadinhos, Santos-o-Novo, Madre de Deus, Xabregas, Beato, Poço do Bispo, Marvila, Olivais... e Quintas (dos Alfinetes, do Armador das Conchas, da Salgada, do Marquês de Abrantes...).

O caminho-de-ferro, a industrialização e a tardia imigração das zonas rurais com os consequentes bairros de lata e a invasão de quintas entretanto adquiridas pela Câmara Municipal, foram momentos sucessivos de um processo de marginalização da zona oriental da cidade, feita de vales viçosos e encostas suaves, olhando o vasto horizonte do Mar da Palha, com um recorte a dois planos, marcado no primeiro pelas praias de areia branca, de Alcochete ao Alfeite (Samouco, Rosário, Barreiro. Seixal...) e, no segundo, pelo morro da Senhora da Atalaia, a "escama de Palmela e a imponência rectilínea da Arrábida.

É a Lisboa admirável dos antigos, com a majestade do seu mar interior.

Por isso, esta linha ribeirinha foi desde o início da nacionalidade apropriada por reis, bispos, nobres, ordens religiosas e burgueses. Nos séculos seguintes, e até aos anos 50 do século 19, esta área mantém-se no essencial como área rústica dos arredores da cidade, podendo ser caracterizada como proto-urbana. As políticas setecentistas de fomento manufactureiro, em particular a pombalina, não provocaram uma alteração significativa da paisagem e/ou das funções desta área; mau grado a instalação de uma ou outra: nova oficina e o possível aproveitamento de uma mão-de-obra essencialmente rural. De facto, continuaram a dominar (para além das funções agrícolas) as funções religiosas e de recreio, consubstanciadas na construção ou restauro de igrejas, conventos, ermidas, palácios e residências, e tal, pelo menos num primeiro momento, mesmo após o terramoto de 1755 e apesar da opção pombalina de privilegiar o desenvolvimento da cidade no sentido Norte-Sul e para ocidente. Uma boa parte disfrutavam de vista sobre o Tejo e alguns dispunham de cais próprio ou próximo.

Aliás, tanto do ponto de vista do comércio marítimo como da navegação fluvial o tráfego aumentou durante o século 18, disso tirando benefício, também, este lado da cidade.

Entre os cais reconstruídos após o terramoto encontrava-se precisamente o cais da Bica do Sapato.

Mas embora os tempos estivessem a mudar foi entre os séculos 17 e 18 que o rei, a corte e a igreja começaram a preferir o lado ocidental da cidade - foi apenas durante a segunda metade do século 19 que se iniciou a profunda transformação desta área em zona industrial.

As linhas de circunvalação de 1852 e de 1885-95 vão integrar estes bairros na cidade. Mas o alargamento efectuado não significou, nem era o resultado, de uma alteração do carácter desta nova área urbana, pois mais de metade não se encontrava nem edificada nem urbanizada. Tratou-se de uma "expansão urbana sem urbanização". As transformações, mais pontuais do que generalizadas, e os testemunhos dos anos 40 do século 20, referem ainda as quintas do Beato e dos Olivais como locais de passeio estival dos Lisboaetas pobres. O terceiro impulso verificou-se já nos anos 40/50

do século 20, resultado da política de industrialização, agora apenas virada para a zona oriental e prolongando-se na direcção de Vila Franca de Xira. Foi em 1942 que se criou oficialmente a zona industrial do porto de Lisboa. E, enquanto que nas muitas obras portuárias realizadas desde finais do século 19 se havia privilegiado o lado ocidental (com destaque para Belém, Alcântara e Rocha do Conde de Obidos) o plano de melhoramentos de 1946 vai incidir na zona oriental (cais acostável entre Xabregas e Poço do Bispo; doca do Poço do Bispo; regularização da margem entre Matinha e Beirolas; doca dos Olivais; do outro lado da cidade, apenas a doca de Pedrouços). Estas obras portuárias, continuadas numa segunda fase com o II Plano de Fomento (1959-1964), conquistaram terreno ao rio e criaram novas condições de acostagem e acesso terrestre. Conjugadas com os novos estabelecimentos industriais (Fábrica de gás da Matinha, instalações de armazenagem, matadouro, etc) como que concluíram o processo de reorganização funcional desta área da cidade, impregnando a profundamente com a marca industrial.

A desindustrialização tem sido lenta, os planos camarários

de alojamento, bem como os portuários e respectivas execuções, redundaram em verdadeiras catástrofes: a desarticulação urbana e a "guetificação" institucionalizadas.

Valorizar Lisboa enquanto cidade de cultura não poderá deixar de ter como prioridade de primeira linha à recuperação deste sector oriental da cidade, numa primeira fase do Vale Escuro até Braço de Prata, e numa segunda'-fase de Braço de Prata até Beirolas.

A operação que designamos por Chelas, é eminentemente integradora, do ponto de vista funcional e social, decorre de uma filosofia de cidade que cremos coincidir com a da actual Câmara Municipal, na medida em que vai ao encontro de ideias apontadas na publicação Lisboa - capital atlântica da Europa, e que se resume na expressão "Direito à cidade" (op. cit., p.-31). Entendemos este Direito na sua plenitude e na realização máxima das potencialidades da própria cidade.

Principais estrangulamentos

- Escassa acessibilidade: física, económica, social e psicológica .

- Existência de instalações industriais obsoletas e/ou desajustadas da localização .

- Habitação degradada, quer de antigas residências operárias, quer de bairros de lata.

- Plano de Chelas, gerador de um "ghetto" social feito do somatório de pequenos "ghettos".

- Desarticulação entre a área portuária e a cidade.

CHELAS - ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Os vestígios mais antigos da presença humana no vale de Chelas datam dos tempos da ocupação romana. Mas tudo indica que só nos tempos medievais tomou um carácter permanente. Quer durante essa época, quer no período da expansão ultramarina portuguesa, e mesmo durante o século 18, a área do vale de Chelas e a zona ribeirinha entre Santa Apolónia e a Matinha faziam parte do termo oriental de Lisboa, isto é, não eram parte oficial, nem integrante da malha urbana. Só entre meados do século 19 e o século 20 se processou a sua urbanização.

Na época moderna, o lado oriental era conhecido e apreciado pelas suas hortas e quintas de recreio, pelo ambiente calmo e desafogado, longe do bulício marítimo e mercantil das ruas estreitas e apinhadas do centro urbano.

Ao abastecimento em géneros, sobretudo hortícolas, a Lisboa, juntava-se a função de lazer que exercia tanto para o rei e a nobreza, como para a população em geral.

Em Xabregas, por exemplo, em meados do século 16 realizavam-se touradas e torneios reais durante a permanência do rei no Paço de Xabregas. Também na mesma

época, os pescadores de Alfama festejavam o dia do seu Santo padroeiro nas hortas de Xabregas, com danças, foguetes e coentros frescos. E a ermida de Nossa Senhora do Paraíso, perto da Porta da Cruz, já fora da muralha, era no século 16 um local de af luência religiosa das gentes da capital .

Com as excepções do Convento de Chelas (de origem pré-portuguesa) e do Paço de Xabregas de D. Afonso III, datam dos séculos 15 e 16 os edif ícios mais notáveis desta área. Foi também nesta época que a zona conheceu o primeiro aumento importante de população. A cidade rompia já os limites da cerca fernandina construída no último quartel do século 14, e os campos contíguos mais próximos, como os de Santa Apolónia, transformavam-se em novos bairros urbanos ou arrabaldes, evolução bem retratada na fundação de novas paróquias após meados de quinhentos.

Principais potencialidade

- Sítio privilegiado na paisagem de Lisboa.
- Capacidade de rápido incremento das acessibilidades de transportes, à cidade, à Área Metropolitana, ao País e ao Estrangeiro.

- Disponibilidade de solos, em boa medida de propriedade municipal.

- Instalações industriais abandonadas, ou próximas da desagregação que poderão originar novos usos, tanto secundários como terciários

- Existência de um vasto e notável património arquitectónico que poderá valorizar muito o processo de reabilitação urbana: palácios, conventos, residencias senhoriais, quintas, conjuntos, habitacionais, algumas estruturas industriais.

Medidas e acções

- Definir a integração no sistema de transportes nacional e metropolitano, nomeadamente a localização da Estação Ferroviária de Lisboa; a nova ponte sobre o Tejo em Lisboa; as ligações ferroviárias à área metropolitana e ao resto do País.

- Construção da rede rodoviária fundamental já prevista, com eventuais correcções de traçado de molde a não destruir parcelas de património arquitectónico. ,

- Erradicação dos bairros de lata, integrando as populações no habitat local.

- Reabilitação urbana dos seguintes núcleos e eixos: Santos-o-Novo - Barbadinhos; Convento de Chelas - Quintas do Armador, Conchas, Alfinetes e arranjo do Vale de Chelas; eixo Xabregas - Poço do Bispo; Poço do Bispo - Braço de Prata - Marvila. (...)

A mudança relaciona-se, sobretudo, com as obras do porto de Lisboa e Aterro inauguradas em 1887, os novos transportes com as suas linhas férreas, urbanas e regionais, num processo iniciado em 1856 (caminho de ferro, omnibus e tramway), obras indispensáveis à expansão do capitalismo em Portugal, finalmente livre do longo período de guerra civil. A destruição do antigo palácio dos Abreu de Freitas para as obras de ampliação da estação de caminho de ferro de St^a Apolonia em 1871, a transformação do velho convento de Xabregas em Fábrica de Tabaco em 1845, a construção do reservatório de águas do Alviela, em 1880, na cerca do antigo convento dos Barbadinhos, e a passagem do convento de Chelas a Fábrica da pólvora em 1898, são alguns dos exemplos paradigmáticos da reorganização funcional desta área, completada com a mudança de outros palácios e conventos, ainda no século 19, para asilos e casas de recolhimento. Sinal dos novos tempos - e da nova paisagem a construção de um bairro operário, em 1880, junto à calcada dos Barbadinhos.

Algo se manteve ainda: o carácter ribeirinho, pois as linhas dos novos transportes corriam paralelas ao rio, e as indústrias novas instalaram-se também preferencialmente

ao longo do Tejo, de Xabregas ao Poço do Bispo, entrando embora já pelo vale de Chelas adentro.

Uma topografia industrial de finais do século 19 mostra a nova feição destes bairros orientais: Sta Apolónia com as oficinas do caminho de ferro, Xabregas e as fábricas de tabaco, moagem, fiação e tecelagem de algodão, o Beato com grandes armazéns de fabrico e tráfego de vinhos, em Braço de Prata, fábricas de armas, fundição de canhões e moagem a vapor. Em lugar das quintas, das hortas, dos conventos, são as fábricas e os transportes os novos polos organizadores. Foram a existência de espaço e de transportes modernos que levaram ao estabelecimento, nesta área, da maior parte das novas indústrias; daí, também, a sua já referida localização junto ao rio. Um segundo impulso veio com a substituição da tracção animal pela eléctrica operada nos transportes públicos urbanos. Ocorrida no começo do século 20, contribuiu para acelerar o processo de urbanização ao deslocar a preços mais baixos e com maior comodidade e rapidez, parte da população do centro para as novas áreas(...)

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

1. **SEXO**

1.1. MASCULINO FEMININO

2. **IDADE**

___ anos.

3. **ESTADO CIVIL**

3.1. Solteiro

3.2. Casado

3.3. Acompanhado

3.4. Separado

3.5. Divorciado

3.6. Viúvo

4. DIMENSÃO DA FAMÍLIA

4.1. Quantos filhos tem?

___ filhos.

4.2. Quando nasceram?

1º filho ___/___/___ 5º filho ___/___/___

2º filho ___/___/___ 6º filho ___/___/___

3º filho ___/___/___ 7º filho ___/___/___

4º filho ___/___/___ 8º filho ___/___/___

5. DIMENSÃO DA FAMÍLIA

5.1. Quantos filhos gostaria de ter?

___ filhos.

5.2. Porquê? _____

6. DIMENSÃO IDEAL DA FAMÍLIA

6.1. Quantos filhos pensa que um casal devia ter?

___ filhos

6.2. Porquê? _____

7. ESCOLARIEDADE E NIVEL DE INSTRUÇÃO

7.1. Frequentou a escola?

7.2. Não frequentou a escola?

Se Não frequentou;

7.2.1. Quais os motivos porque não frequentou? _____

7.2.2. Sabe ler e escrever?

7.2.2.1. Sim

7.2.2.2. Não

7.2.2.1.1. Se, sim, como aprendeu?

8. NIVEL DE INSTRUÇÃO

8.1. 4ª Classe

8.2. Ciclo preparatório

8.3. Antigo 5º ano ou 9ºano

8.4. Antigo 7º ano ou 11ºano

8.5. 12º ano

8.6. Curso médio

qual? _____

8.7. Curso superior

qual? _____

8.8. Completo

8.8.1. Sim

8.8.2. Não

9. ATTUDE FACE À ESCOLA

9.1. Qual a sua opinião sobre a escola?

9.2. Em sua opinião porque é que se

'chumba' na escola? _____

10. NATURALIDADE

10.1. Onde nasceu?

10.1.1. PORTUGAL

10.1.2. ANGOLA

10.1.3. MOÇAMBIQUE

10.1.4. GUINÉ

10.1.5. CABO VERDE

10.1.6. Outra situação. Qual?

11. NACIONALIDADE

11.1. Qual é a sua nacionalidade?

11.1.1. PORTUGAL

11.1.2. ANGOLA

11.1.3. MOÇAMBIQUE

11.1.4. GUINÉ

11.1.5. CABO VERDE

11.1.6. Outra situação. Qual?

12. PROFISSÃO

12.1. Qual a sua profissão? _____

12.2. Indique o seu principal meio de vida

12.2.1. Trabalho

12.2.2. Subdídio de desemprego

12.2.3. Subdídio temporário por

acidente de trabalho ou

doença profissional

12.2.4. Outro subdídio

12.2.5. A cargo da família

12.2.6. Pensão

12.2.7. Reforma

12.2.8. Rendimentos próprios

12.2.9. Outra situação. Qual? _____

13.1. SITUAÇÃO NA PROFISSÃO

13.1.1. Patrão

13.1.2. Trabalhador por conta própria

13.1.3. Trabalhador por conta de outrem

13.1.4. Trabalhador familiar não remunerado

13.1.5. Outra situação. Qual? _____

13.2. HORÁRIO DE TRABALHO SEMANAL

13.2.1. 1 a 5 horas

13.2.2. 15 a 35 horas

13.2.3. 35 a 45 horas

13.2.4. 45 ou mais horas

13.3. LOCAL A PROFISSÃO

13.3.1. Exerce a sua profissão em Lisboa?

Sim

Não

13.3.2. Se NÃO, onde a exerce? _____

14. Se não exerce uma profissão qual é a sua actividade normal? _____

15. TEMPOS LIVRES

15.1. Como ocupa normalmente os seus tempos livres?

15.1.1. Trabalhar em 'coisas' da casa

15.1.2. Ver Televisão

15.1.3. Dançar

15.1.4. Ouvir música

15.1.5. Fazer desporto

15.1.6. Ir ao café

15.1.7. Jogar

15.1.8. Ler

15.1.9. Outra situação. Qual? _____

16. HABITAÇÃO

16.1. Indique o tipo de habitação onde mora

16.1.1. Barraca

16.1.2. Pré-fabricado

16.1.3. Habitação Social

16.1.4. Apartamento

16.2. Indique quem são os ocupantes do alojamento

16.2.1. Familiares

16.2.2. Não familiares

17. INFRA-ESTRUTURAS DO ALOJAMENTO

17.1. Tem electricidade?

Sim

Não

17.2. Tem água canalizada?

Sim

Não

**17.2.1. Se não têm água canalizada, onde a
vai buscar? _____**

17.2.1. Quem a trás para casa? _____

17.2.2. Quantas vezes por semana? ____

17.3. Tem casa de banho?

Sim

Não

17.4. Tem esgoto?

Sim

Não

17.5. Tem cozinha?

Sim

Não

17.5.1. Se NÃO tem cozinha, onde
prepara as refeições? _____

17.6. Quantas divisões tema sua casa? ____

17.7. Quantas divisórias tem o seu apartamento? ____

18. Sempre morou em Chelas?

Sim

Não

18.1. Se NÃO, onde morava antes? _____

19. Porque é que se mudou? _____

20. Quando se mudou, veio

20.1. Sózinho

20.2. Com outras famílias

20.3. Outra situação. Qual? _____

21. Gosta das pessoas que vivem em Chelas?

21.1. Não gosto

21.2. Gosto pouco

21.3. "Não gosto nem deixo de gostar"

21.4. Gosto

21.5. Gosto muito

21.6. Não gosto

Para qualquer que tenha sido a sua resposta, dê uma
razão justificativa. _____

22. Gosta de morar em Chelas?

22.1. Não gosto

22.2. Gosto pouco

22.3. "Não gosto nem deixo de gostar"

22.4. Gosto

22.5. Gosto muito

22.6. Não gosto

Para qualquer que tenha sido a sua resposta, dê uma razão justificativa. _____

23. Se mudasse de casa, gostaria que a sua nova casa fosse

23.1. Em Chelas

23.2. Fora de Chelas

24. Gostaria que os seus vizinhos fossem

24.1. Pessoas de Chelas

Sim

Não

24.1. Pessoas conhecidas que não são de Chelas

Sim

Não

24.1. Pessoas totalmente desconhecidas

Sim

Não

25. **AMIZADE**

25.1. O que é para si um amigo? _____

25.2. Para si existe diferença entre um amigo e um conhecido?

Sim

Não

25.3. Costuma falar com os amigos de problemas íntimos?

Sim

Não

25.4. Como escolhe os amigos? _____

GUIÃO DA ENTREVISTA

I. - Gostava que me contasse a sua vida até vir para Portugal.

1. - HISTORIOGRAMA -

2. Onde nasceu? Em que data?

3. O que os seus pais faziam?

4. Teve mais irmãos? Quantos?

5. Foi à escola?

6. Quando foi que começou a trabalhar?

Em que é que trabalhou?

7. Casou? Teve filhos? Quantos?

8. Emigrou? Para onde e por quanto tempo?

9. Porquê que é que emigrou?

10. Gostaria de voltar ao seu país de origem?

II. - Fale-me da sua vinda para Portugal.

11. Houve alguém ou alguma coisa que o tivesse

feito vir para Portugal? O que foi ou quem foi?

12. Veio sozinho?

13. Tem cá família? E já tinha antes de vir?

14. Para onde foi viver quando chegou?

15. Já tinha trabalhado antes de vir? Como o arranjou?

16. Quais foram as suas maiores dificuldades quando chegou

17. Teve alguém que o tivesse ajudado? Quem?

III. - Hoje tem a sua vida organizada em Portugal.

18. Tem cá a sua família? Mulher? Filhos? Pais?

19. Houve alterações na sua vida familiar pelo facto de ter vindo para Portugal?

20. Já teve mais que um companheiro/a? E filhos deles? Onde estão? como se relaciona com eles?

21. Visita os seus familiares aqui residentes? De vez em quanto ou normalmente?

22. Tem parentes ou amigos a viver em sua casa?

23. Quando tem problemas a quem pede ajuda?
Aos vizinhos? Aos amigos? Aos familiares?

24. Os seus filhos estão a estudar? Até que idade gostaria que eles estudassem?

25. Os seus filhos são bons alunos na escola? Para si quais são as dificuldades escolares que por vezes têm?

26. Que língua fala em sua casa?

27. Tem muitos amigos?

28. Os seus amigos são portugueses ou africanos?
Mas tem mais amigos africanos ou portugueses?
29. Esses amigos, são vizinhos ou colegas de trabalho?
30. O que é que faz quando têm tempos livres?
31. Como se diverte?
32. Porque é que veio morar para Chelas?
33. Gosta de morar em Chelas?
34. Em que é que trabalha neste momento?
Quanto ganha? Como é o ambiente de trabalho?
35. Como é a sua relação com os chefes?
36. Gostaria de mudar de trabalho?
37. O que é que gostava de fazer?
38. O que ganha dá para viver?
39. Prefere que lhe paguem menos mas com os
descontos, ou mais sem descontos?
40. Costuma poupar dinheiro? Para quê?
41. Qual é a sua nacionalidade?
42. Gostava de ter a nacionalidade portuguesa?
Porquê?
43. O que é que há de comum entre os africanos?
44. Quais as principais diferenças que têm dos
portugueses?

45. Pensa que o viver em Portugal os faz perder alguns costumes vossos? Quais? Porquê?
46. Pensa que o viver em Portugal os faz ganhar alguns costumes nossos? Quais? Porquê?
47. Pensa que é difícil ser africano em Portugal? Porquê?
48. O que é que os africanos pensam dos portugueses?
49. O que é que os portugueses pensam dos africanos?
50. Acha que os africanos são tratados de maneira diferente dos portugueses? Em que aspectos? (Dê exemplos) Por quem? Porquê?
51. Acha que os portugueses são racistas?
52. Acha que há racismo dos africanos em relação aos portugueses?
53. Pensa que os africanos têm mais problemas do que os portugueses? Quais? Porquê?
54. Acredita que esta situação vai mudar?
55. Quais são as vossas maiores dificuldades como africanos, em Portugal?
56. Na sua opinião o que é que se devia fazer para mudar o que está mal?

IV. - Vamos pensar no seu país de origem e de hipótese de regressar.

57. Pensa voltar ao seu país? Definitivamente?

58. Quais as condições para o seu regresso?

59. Quantas vezes foi ao seu país desde que veio para Portugal?

**60. Costuma mandar dinheiro para o seu país?
Para quem?**

61. Do dinheiro que ganha quanto costuma enviar?

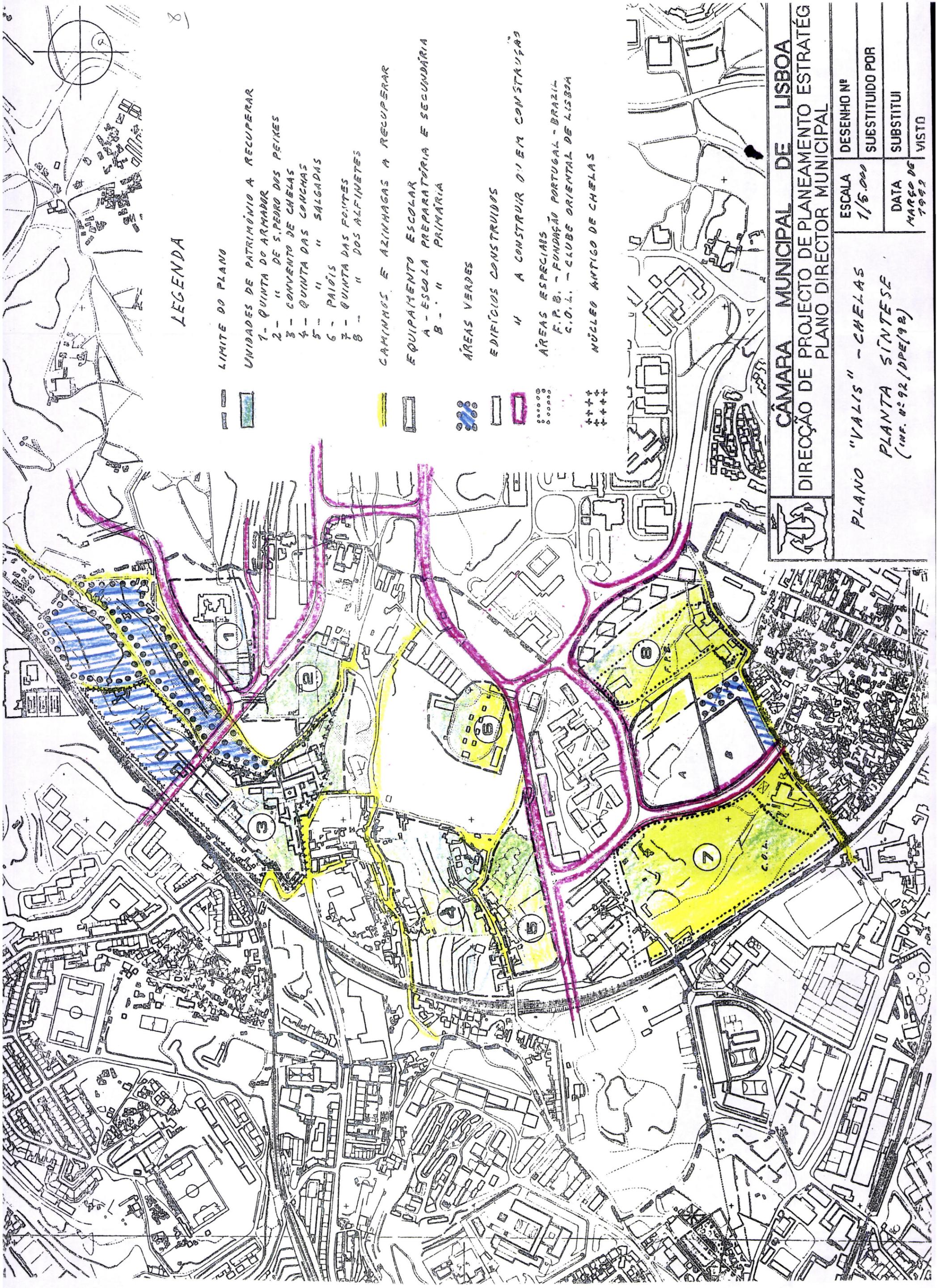
62. Ajuda outros africanos a vir para Portugal?

**63. Pensa que os seus filhos gostariam de ir para
África? Porquê?**

8

LEGENDA

-  LIMITE DO PLANO
-  UNIDADES DE PATRIMÓNIO A RECUPERAR
 - 1 - QUINTA DO ARMADOR
 - 2 - " DE S. PEDRO DOS PEIXES
 - 3 - CONVENTO DE CHELAS
 - 4 - QUINTA DAS CONCHAS
 - 5 - " SALGADAS
 - 6 - PAIÓIS
 - 7 - QUINTA DAS FONTES
 - 8 - " DOS ALFINETES
-  CAMINHOS E AZINHAGAS A RECUPERAR
-  EQUIPAMENTO ESCOLAR
 - A - ESCOLA PREPARATÓRIA E SECUNDÁRIA
 - B - " PRIMÁRIA
-  ÁREAS VERDES
-  EDIFÍCIOS CONSTRUÍDOS
-  A CONSTRUIR O IEM CONSTRUÇÃO
-  ÁREAS ESPECIAIS
 - F.P.B. - FUNDAÇÃO PORTUGAL - BRAZIL
 - C.O.L. - CLUBE ORIENTAL DE LISBOA
-  MÚLCO ANTIGO DE CHELAS



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
 DIRECÇÃO DE PROJECTO DE PLANEAMENTO ESTRATÉGICO
 PLANO DIRECTOR MUNICIPAL

ESCALA	DESENHO Nº
1/5.000	SUBSTITUÍDO POR
DATA	SUBSTITUÍ
MARÇO DE 1992	VISTO

PLANO "VALIS" - CHELAS
 PLANTA SÍNTESE
 (INF. Nº 92/DPE/98)